



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS**

**ETNOGRAFIA DE SI NO CONTEXTO DO ENSINO DA LÍNGUA DE
SINAIS PARA ALUNOS SURDOS INDÍGENAS PAITER SURUÍ DE
RONDÔNIA**

**Porto Velho/RO
2023**

ODIRLEI PEGORARO

**ETNOGRAFIA DE SI NO CONTEXTO DO ENSINO DA LÍNGUA DE
SINAIS PARA ALUNOS SURDOS INDÍGENAS PAITER SURUÍ DE
RONDÔNIA**

Dissertação apresentada pelo acadêmico Odirlei Pegoraro ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu do Curso de Mestrado Acadêmico em Letras, Linha de Pesquisa: Estudos da diversidade Cultural, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Gomes

Coorientador: Prof. Dr. Amauri Moret da Silva

**Porto Velho/RO
2023**

Catalogação da Publicação na Fonte
Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR

P376e Pegoraro, Odirlei.

Etnografia de si no contexto do ensino da língua de sinais para alunos surdos indígenas Paiter Suruí de Rondônia / Odirlei Pegoraro. - Porto Velho, 2023.

80 f.: il.

Orientação: Prof. Dr. João Carlos Gomes.

Coorientação: Prof. Dr. Amauri Moret da Silva.

Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras.
Departamento de Letras Vernáculas. Núcleo de Ciências Humanas. Fundação Universidade Federal de Rondônia.

Orientação: Prof. Dr. João Carlos Gomes.

Coorientação: Prof. Dr. Amauri Moret da Silva.

1. Etnobiografia. 2. Escola indígena. 3. Língua indígena de sinais. I. Gomes, João Carlos. II. Silva, Amauri Moret da. III. Título.

Biblioteca Central

CDU 81'221.4(=87)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
MESTRADO EM LETRAS
LISTA DE VERIFICAÇÃO

ODIRLEI PEGORARO

**ETNOGRAFIA DE SI NO CONTEXTO DO ENSINO DA LÍNGUA DE SINAIS PARA ALUNOS SURDOS INDÍGENAS
PAITER SURUÍ DE RONDÔNIA**

Dissertação apresentada em 15 de dezembro de 2023 ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras (PPGML) da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) como um dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pela banca examinadora constituída pelos docentes:

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. João Carlos Gomes, Presidente da Banca e Orientador (UNIR);

Professor Dr. Jefferson Gustavo dos Santos Campos, Membro Interno (UNIR);

Professor Dr. Amauri Moret da Silva, membro externo ao Programa (UNIR)

Professora Dra. Walnice Aparecida Matos Vilalva, Membro Externa (UNEMAT).



Documento assinado eletronicamente por **JOAO CARLOS GOMES, Docente**, em 22/12/2023, às 07:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **AMAURI MORET DA SILVA, Membro da Comissão**, em 22/12/2023, às 12:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **JEFFERSON GUSTAVO DOS SANTOS CAMPOS, Docente**, em 22/12/2023, às 15:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **LUCIMARA ALVES DA CONCEICAO COSTA, Vice-Coordenador**, em 27/12/2023, às 10:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1604029** e o código CRC **B80167A5**.

DEDICATÓRIA

Às vozes silenciosas dos bosques e rios,
aos guerreiros de mãos que falam e olhos que escutam,
aos surdos indígenas, filhos da terra e do grande silêncio,
dedico cada página, cada sinal, cada descoberta.

Em cada gesto que rompe a barreira do som,
encontro a força das águas, a firmeza do cedro,
a sabedoria ancestral que os sinais transportam
no espaço sagrado que une as mãos ao coração.

Vocês que trilham os caminhos do reconhecimento,
tecendo com mãos ágeis as teias da comunicação,
na língua que dança com o vento e brinca com as sombras,
uma língua de sinais nascida do verde profundo.

Dedico este trabalho como um canto de esperança,
uma ode à perseverança, à luta que floresce
nos corações que pulsam ao ritmo da terra,
num diálogo de gestos que a alma entende.

À persistência de todos que buscam ser vistos,
na plenitude de suas culturas, de suas línguas,
vocês que ensinam o mundo a ouvir com os olhos,
a falar com as mãos, a compreender o silêncio.

Porque onde as palavras não tocam, o sinal alcança,
e na linguagem universal,
vocês são poetas, são pintores, são contadores de histórias,
tecendo a narrativa vibrante do povo que ainda ecoa.

A todos vocês, dedico cada símbolo e signo,
com a promessa de que a cada amanhecer,
as línguas indígenas de sinais serão mais vistas,
mais ouvidas, mais vividas — em sua plena e merecida reverência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela força e inspiração, guiando-me por caminhos de conhecimento e sabedoria. Aos meus amados pais (Jorge e Olga), pilares de minha formação, que com amor e dedicação me ensinaram os primeiros passos e palavras, a minha querida esposa e aos meus filhos, (Mateus e Sofia), luzes constantes que iluminam e dão propósito a cada amanhecer.

À Universidade Federal de Rondônia e ao Procad Amazônia, por me proporcionarem a infraestrutura e apoio necessário para desenvolver esta pesquisa. Minha gratidão estende-se à Coordenação do Mestrado Acadêmico em Letras e a todos os professores do programa, que com paciência e experiência compartilharam conhecimentos inestimáveis. Um agradecimento especial ao meu orientador Prof. Dr. João Carlos Gomes e coorientador Prof. Dr. Amauri Moret da Silva, cujas orientações, críticas e encorajamentos foram fundamentais nesta caminhada acadêmica.

Aos meus alunos surdos indígenas da Escola Indígena José do Carmo Santana, verdadeiros protagonistas desta pesquisa, que com seus olhares e gestos, ensinaram-me muito mais do que eu poderia lhes ensinar. À comunidade da Linha 14 da Terra Indígena Paiter Suruí, que me acolheu, compartilhando seus saberes, histórias e cultura.

E, finalmente, a todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste estudo e pesquisa. Cada palavra escrita carrega um pouco da essência e do apoio de cada um de vocês. A todos, minha eterna gratidão.

EPÍGRAFE

“Conforme apontado pelo professor João Carlos Gomes, orientador desta pesquisa, a investigação das línguas de sinais indígenas requer uma abordagem que reconheça as 'epistemologias dos sinais', onde o conhecimento é percebido e transmitido não apenas através de palavras, mas por meio de gestos que carregam em si as profundezas culturais e a complexidade cognitiva das comunidades surdas indígenas. Essas epistemologias desafiam os limites da linguística tradicional e abrem caminhos para a compreensão da diversidade e da riqueza intrínsecas às práticas comunicativas desses povos.”

GOMES, J. C. (2023).

RESUMO

Neste estudo e pesquisa de caráter etnobiográfico, o autor, um professor surdo, revela sua trajetória de vida e profissional no contexto de ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) no contexto da escola indígena, Sertanista José do Carmo Santana, aldeia Ĝapĩir Linha 14, na Terra Indígena Sete de setembro, no município de Cacoal, Estado de Rondônia. O objetivo principal foi compreender a intersecção das identidades surdas e indígena, explorando a riqueza e os desafios do ensino de Libras em tal contexto. Utilizando a etnobiografia como instrumento metodológico, a pesquisa uniu memórias e narrativas de experiências do autor, destacando a formação da língua indígena de sinais Paiter Suruí, e revelando a importância da diversidade linguística e cultural. O estudo e pesquisa demonstra e reforça a necessidade de respeitar, reconhecer e valorizar as línguas indígenas de sinais e a diversidade cultural nos processos educativos no contexto das escolas indígenas.

Palavras-chave: Etnobiografia; Escola indígena; Língua Indígena de Sinais.

ABSTRACT

In this ethnobiographical study and research, the author, a deaf teacher, reveals their life and professional trajectory in the context of teaching Brazilian Sign Language (Libras) at the Indigenous school, Sertanista José do Carmo Santana, Gapçir Linha 14 village, in the Sete de setembro Indigenous Land, in the municipality of Cacoal, State of Rondônia. The main objective was to understand the intersection of deaf and indigenous identities, exploring the richness and challenges of teaching Brazilian Sign Language (Libras) in such a context. Using ethnobiography as a methodological tool, the research brought together memories and narratives of the author's experiences, highlighting the development of the indigenous sign language Paiter Suruí and revealing the importance of linguistic and cultural diversity. The study and research demonstrate and reinforce the need to respect, recognize, and value indigenous sign languages and cultural diversity in educational processes within the context of indigenous schools.

Palavras-chave: Ethnobiography; Indigenous school; Indigenous Sign Language.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:	11
SEÇÃO I A ETNOGRAFIA DE SI PARA A PRODUÇÃO DA PESQUISA	19
1.0. Um Mergulho no Universo da pesquisa	20
1.1. Entre Mãos que Falam e Olhos que contam.....	21
1.2. A pesquisa pós-crítica na epistemologia azul.....	22
1.3. Águas Profundas do Eu.....	26
1.4. Os pressupostos da etnobiografia	29
SEÇÃO II ETNOBIOGRAFIA DE EDUCADOR SURDO	33
2.0. Etnobiografia do educador da Libras.....	34
2.1. Ressonâncias do Silêncio	35
2.2. A educação especial para surdos	36
2.3. As descobertas da educação básica.....	38
2.4. Entre Letras e Sinais: Uma Odisseia Acadêmica.....	39
2.5. A Peregrinação Acadêmica e o Mosaico da Resiliência	41
SEÇÃO III O ESPELHO DA SALA DE AULA INDÍGENA	43
3.0. O Espelho da Sala de Aula Indígena	44
3.1. Reflexões Etnográficas dos Surdos Paiter Suruí.....	44
3.2. Etnografia dos olhares surdo dos Paiter Suruí	45
3.3. Os Olhos Silenciosos dos Surdos Paiter Suruí.....	47
3.4. Ecos Silenciosos da Surdez e da Identidade Indígena	50
SEÇÃO IV ENSINANDO E APRENDENDO SINAIS ENTRE CANTOS ANCESTRAIS	57
4.0. Na Confluência De Sinais E Cantos Ancestrais	58
4.1. O Diálogo Entre Libras E Os Sinais De Oyewea.....	59
4.2. Ensino e Aprendizagem com Pabaker	63
4.3. Relato Etnográfico de Ensino com Mapilacobar	65
4.4. A Língua Indígena de Sinais Paiter Suruí.....	67
4.5. A língua indígena de sinais do Paiter Suruí	69
4.6. Surdos Indígenas: Um Testemunho de Diversidade cultural	74
5.0. CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
6.0 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	78

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura: 1:	68
Figura: 2	69
Figura: 3:	70
Figura: 4	71

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ETNOLIS –	Língua de Sinais Indígenas
FACIMED –	Faculdade de Ciências Biomédicas
GPEI –	Grupo Pesquisador em Educação Intercultural
LIBRAS –	Língua Brasileira de Sinais
PROLIBRAS –	Exame de Proficiência em Libras
UFPA –	Universidade Federal do Pará
UNIASSELVI –	Centro Universitário Leonardo da Vinci
UNIR –	Universidade Federal de Rondônia
USP –	Universidade de São Paulo

INTRODUÇÃO:

No amálgama de caminhos que se cruzam na vastidão da diversidade humana, dois universos se destacam em minha formação acadêmica: o da surdez e o do indigenismo. Tais universos, apesar de seus contornos distintos, convergem em um território de silêncios e gestos visuais que merecem ser expressos, vistos e sentidos. E é nesse entrecruzamento que esta pesquisa nasceu entre olhar indigenista do meu orientador e a minha experiência como educador na escola indígena Sertanista José do Carmo Santana, aldeia Ĝapĝir Linha 14, na Terra Indígena Sete de setembro, no município de Cacoal, Estado de Rondônia.

Desde pequeno o meu universo sonoro se mostrou para mim não como uma sequência audível de vibrações, mas como um mosaico de gestos, expressões e linguagens visuais que se teciam em narrativas silenciosas composto de gestos e expressões de palavras que formavam outro tipo de texto. Ao me tornar educador surdo, compreendi a potência e a riqueza da língua de sinais, bem como a urgente necessidade de sua difusão e ensino.

Por outro lado, a complexidade e singularidade das culturas indígenas sempre me fascinaram. O pensar indígena, recheado de narrativas, mitos e perspectivas cosmológicas, permanece, muitas vezes, à margem dos discursos dominantes. E é nesse espaço marginal, onde a surdez e o indigenismo se encontram, que minha curiosidade acadêmica se acentuou na busca de estudar a diversidade cultural amazônica no campo das diferenças.

A intersecção entre surdez e indigenismo é um território ainda pouco mapeado, sobretudo quando nos adentramos nas matas e rios da Amazônia Brasileira. Foi essa carência de diálogos e estudos interculturais que me levaram, com coração aberto e mente curiosa, às terras dos Paiter Suruí em Rondônia. Lá, encontrei não apenas um campo de pesquisa, mas uma oportunidade de diálogo, troca e aprendizado mútuo com os surdos indígenas.

A escola indígena dos Paiter Suruí tornou-se mais do que um local de trabalho e estudo: transformou-se em um espaço de encontros, desafios e revelações, e negociações culturais para compreender as nossas diferenças. Aprendi com eles, ensinei a eles e, nesse processo, fui ensinado por mim mesmo. Esta experiência, que transcende a simples observação e se aprofunda em uma vivência, deu origem ao que aqui denomino “etnobiografia” — uma narrativa que entrelaça a etnografia do

outro com a autoetnografia de si para revelar o encontro entre um professor surdo não indígena e uma comunidade de surdos Paiter Suruí.

No exercício da etnografia de si como educador surdo, as influências teóricas de autores como Ricardo Vieira (2013), Clifford Geertz (2008), António Nóvoa (2018) e Roberto DaMatta (1978), se entrelaçam, formando um rico tecido interpretativo que molda minha compreensão da diversidade e da prática pedagógica no contexto da educação intercultural num território indígena no interior da Amazônia.

A incursão nas epistemologias dos estudos da diversidade pós-crítico realizado pelo Grupo Pesquisador em Educação Intercultural (GPEI), sob a liderança do meu orientador, Professor João Carlos Gomes, fui guiado por Ricardo Vieira (2013), que proporciona um arcabouço conceitual sólido. Ao ocupar o papel de Professor Coordenador Principal no CIID e na ESECS do IPEIRIA, Vieira não apenas carrega uma bagagem acadêmica robusta, mas também personifica uma liderança comprometida com a construção de espaços educacionais inclusivos. Sua abordagem pós-crítica desafia as normas estabelecidas, inspirando-me a explorar as complexidades culturais e identitárias em sala de aula, em consonância com a diversidade de experiências dos alunos surdos.

No diálogo com a obra de Clifford Geertz (2008), percebo a importância da abordagem interpretativa na minha prática etnográfica de si. "A Interpretação das Culturas" emerge como uma referência fundamental, incentivando-me a transcender as superfícies visíveis e a mergulhar nas camadas simbólicas e culturais que permeiam o ambiente educacional. Geertz, com sua ênfase na análise cultural, instiga-me a interpretar as práticas pedagógicas como manifestações simbólicas que constroem significados compartilhados na interseção da surdez e da educação.

A contribuição de António Nóvoa (2018) na História da Educação traz uma perspectiva valiosa à minha reflexão etnográfica. Seu enfoque na Educação Comparada e nos estudos autobiográficos relacionados à formação docente ressoa profundamente na minha jornada como educador surdo. Através da lente de Nóvoa, compreendo a importância de situar minha própria narrativa dentro do contexto mais amplo da formação de professores, considerando as complexas interações entre identidade surda e prática pedagógica.

Além disso, ao incorporar as ideias de Roberto DaMatta (1978) sobre o ofício do etnógrafo, percebo a necessidade de uma imersão profunda no meu próprio

contexto educacional. A noção de experimentar o "anthropological blues"¹ ressoa como um lembrete para abraçar as complexidades emocionais inerentes à compreensão das realidades culturais em que estou inserido. Assim, neste processo etnográfico de si, as vozes desses renomados acadêmicos se entrelaçam, proporcionando uma base teórica rica e sensível para a reflexão contínua sobre minha prática como educador surdo.

Na minha etnografia de si como educador surdo na perspectiva pós-crítica, meu entendimento do sujeito transcende as limitações tradicionais, moldado por interações ricas e dialógicas que desafiam a concepção de um sujeito isolado e universal. Ao adotar uma língua gesto visual como meio primordial de expressão, o corpo torna-se a encarnação da minha identidade, que se desdobra em um contexto de complexidade cultural e diversidade.

Seguindo as reflexões de autores que selecionamos como referência teórico para usar nas epistemologias dos estudos culturais pós-críticos, como Ricardo Vieira (2013) na Antropologia da Educação, percebo-me como um sujeito que não está atrelado a uma substância isolada e racional, mas sim como um corpo vivo e situado. Vieira destaca a importância de desconstruir visões essencialistas do sujeito, abrindo espaço para a compreensão da subjetividade como uma construção dinâmica moldada por contextos sociais e culturais.

No âmbito da linguagem, a perspectiva pós-crítica enfatiza não apenas a língua como um sistema formalizado, mas também a linguagem como uma prática viva e encarnada. Inspirado nas ideias de Clifford Geertz (2008) sobre a interpretação cultural, reconheço a língua gesto visual não apenas como um meio de comunicação, mas como uma expressão carregada de significados culturais e sociais. Geertz ressalta a importância de interpretar as práticas culturais como símbolos que constroem significados compartilhados.

¹ O termo "**anthropological blues**" refere-se a uma espécie de melancolia reflexiva que os etnógrafos podem experimentar ao se aprofundarem no estudo de diferentes culturas. O conceito foi popularizado por Roberto DaMatta, que o descreveu como um sentimento que surge da compreensão profunda das realidades culturais estudadas. Esse "blues" é caracterizado pela sensação de estar entre dois mundos: o do pesquisador e o da cultura que está sendo estudada. É um estado de reflexão sobre as complexidades e nuances das relações humanas e sociais que o etnógrafo observa e interpreta. Pode ser entendido como uma consciência aguda das limitações do próprio entendimento e da dificuldade de traduzir completamente uma cultura para outra. Também pode envolver a percepção da perda ou da transformação de aspectos culturais devido ao contato com outras culturas ou à modernização³. É uma parte essencial do ofício do etnógrafo, que busca não apenas observar, mas também sentir e compreender em um nível mais profundo as culturas que estuda.

Dentro desse contexto, a língua gesto visual emerge como a mediadora essencial entre o eu e o outro, revelando-se como um canal dinâmico que transcende as barreiras tradicionais de comunicação. Inspirado nas contribuições de António Nóvoa (2018) na História da Educação, reconheço a língua como uma ferramenta que molda a formação docente e a experiência educacional, inserindo-me em um diálogo constante com a diversidade cultural.

Em consonância com a perspectiva pós-crítica na minha narrativa etnográfica como educador surdo, incorporo as reflexões de Roberto DaMatta (1978) sobre o ofício do etnólogo em "O Ofício de Etnólogo ou Como Ter Anthropological Blues". DaMatta oferece uma visão profunda sobre a prática etnográfica, destacando a importância de imersão no campo de estudo e da adoção de uma perspectiva que vá além da observação superficial.

No contexto da minha prática educacional num território indígena, o meu ofício de etnólogo, conforme sugerido por DaMatta, torna-se uma metáfora relevante. Assim como o etnólogo se lança no campo cultural, eu, como educador surdo, mergulho nas águas complexas da diversidade e da língua gesto visual, buscando compreender as nuances e os significados que permeiam a experiência educacional dos surdos.

A noção de "anthropological blues" de DaMatta ressoa como um lembrete do profundo comprometimento emocional envolvido na prática etnográfica. Como educador surdo, experimento essa melancolia reflexiva ao compreender as complexidades culturais e linguísticas presentes no meu contexto educacional. É uma sensação que, longe de ser desanimadora, é fundamental para uma compreensão mais autêntica e profunda da diversidade e das interações culturais na educação inclusiva.

A reflexão sobre o "ofício do etnólogo" e a incorporação do "anthropological blues" enriquecem minha prática educacional como um etnólogo militante. Inspirado pela ideia de etnologia militante, advinda de DaMatta, reconheço que minha atuação como educador surdo não é apenas uma observação passiva, mas sim uma participação ativa na desconstrução de barreiras, na promoção da inclusão e na valorização das diversas expressões culturais e linguísticas.

Com base nestes pressupostos, a minha abordagem da etnografia de si como metodologia da pesquisa representa uma ruptura com a tradicional dicotomia entre sujeito e objeto, transcendendo as fronteiras do cartesianismo e permitindo que eu construa uma compreensão mais profunda e holística dos objetivos da minha pesquisa. Ao explorar o conceito de sujeito dentro desse contexto, destacam-se

alguns aspectos que considero como fundamentais. Por quê na etnografia de si, não sou o sujeito que apenas observa para produzir os dados do meu objeto de estudo. Em vez disso, sou um participante ativo e engajado nas próprias narrativas da pesquisa. Sou um pesquisador que está separado do fenômeno estudado; estou imerso nele, compartilhando experiências e perspectivas.

Como sujeito da minha própria etnografia, sou encorajado a explorar a minha subjetividade e minha autenticidade. Em vez de buscar uma suposta objetividade distante, os meus estudos buscaram valorizar as minhas experiências pessoais de forma subjetiva como sujeito, levando-me a reconhecer e compreender os fenômenos e influenciando os resultados com as minhas vivências como educador e pesquisador.

Desta forma, a etnografia de si me leva a promover uma reflexividade constante como pesquisador sobre as minhas próprias práticas educativas como educador de uma língua gesto visual. Como sujeito não sou apenas observador do fenômeno, mas também sou aquele que reflete sobre as minhas próprias experiências e preconceitos sofridos, para buscar realizar a interpretação dos dados produzidos. Isso adiciona uma camada de uma consciência pós-crítica à minha pesquisa.

Portanto, ao romper com a dicotomia sujeito-objeto, a etnografia de si me deixa abraçar a ideia de que o conhecimento é construído socialmente. Que eu sou sujeito não apenas um observador externo isento de influências contextuais, mas sim um participante inextricavelmente conectado ao contexto sociocultural da alma do lugar de onde estou realizando a minha pesquisa ocorre. Como sujeito, ao realizar as minhas próprias narrativas etnográficas, busco contextualizar a minha pesquisa numa compreensão mais profunda que moldam tanto o sujeito como pesquisador quanto o fenômeno estudado.

Por fim, a etnografia de si permite que eu como pesquisador negocie ativamente a minha própria identidade no processo de pesquisa. Isso envolve em reconhecer as múltiplas identidades que como sujeito tenho para realizar essa pesquisa e como essas identidades influenciam a interpretação dos dados que foram possíveis produzir. A etnografia de si me ajudou redefinir o conceito de sujeito na pesquisa, desafiando as tradicionais distinções entre quem pesquisa e o que é pesquisado. Ao incorporar a subjetividade, a reflexividade da minha participação ativa como sujeito-sujeito na construção do conhecimento, essa abordagem promove uma compreensão mais rica e contextualizada dos fenômenos estudados.

Em síntese, essa perspectiva dos estudos culturais pós-crítico, revela que a minha condição de educador surdo implica uma constante reconfiguração do sujeito, da língua e da linguagem, destacando a importância de abordagens flexíveis e contextuais. Nesse processo, os pressupostos utilizados oferecem fundamentos teóricos robustos, orientando-me na construção de uma prática educacional mais inclusiva e sensível às complexidades da diversidade cultural e linguística, considerando o ofício do etnólogo como uma inspiração contínua para aprofundar meu entendimento da diversidade e do papel fundamental da língua gesto visual na construção de pontes entre o eu e o outro, entre o sensível e o inteligível.

Em última instância, abraço a dualidade emocional do "anthropological blues" como uma bússola que guia meu compromisso com uma prática educacional mais intercultural e sensível à riqueza das experiências surdas. Com base nos pressupostos teóricos destes autores buscamos refletir sobre a nossa prática educativa no ensino da língua de sinais para alunos surdos indígenas Paiter Suruí, que se tornou, assim, não apenas um projeto acadêmico, mas um mergulho em minha própria identidade como educador surdo, um reconhecimento das complexidades e nuances que envolvem a surdez e o indigenismo, e um chamado para dar voz e visibilidade a essas narrativas tão ricas e, ainda, tão pouco exploradas.

Neste cenário, essa dissertação é, portanto, um convite para adentrar nesse universo entrecruzado, onde gestos, sinais, vozes e tradições se encontram e dialogam, desenhando um retrato da diversidade humana em sua máxima expressão. Como a intersecção entre surdez e indigenismo sempre foi um tópico de rara exploração acadêmica, sentimos a necessidade de compreender e dar visibilidade as narrativas do pensamento dos surdos indígenas da comunidade Paiter Suruí. Como educador surdo, a oportunidade de pesquisar, ensinar e aprender nesse contexto se transformou em uma etnografia de si - uma caminhada pessoal e profissional.

Com o objetivo geral de construir essa narrativa etnobiográfica, esta pesquisa foi guiada entre sinais, cantos e encantos epistemológicos: um desvendar Etnobiográfico de um educador surdo numa escola indígena no interior da Amazônia. Adentrando a mata espessa da existência, teço minhas narrativas sob a luz das estrelas ancestrais e o eco dos sinais em comunhão com os cantos da floresta e os encantos da cultura de identidade dos Paiter Suruí.

Nestas narrativas, a vida se tece entre línguas, culturas e sonhos, e eu me proponho a guiá-los através das trilhas desta dissertação de mestrado organizada em 4 seções. Na primeira seção: "Tecendo Minha História: Das Raízes à Educação" onde

reflito sobre a trajetória que me constitui, unindo memórias e aprendizados, revelando a etnobiografia como instrumento metodológico que borda, em minhas experiências, os matizes de minha identidade. No contexto do ensino de Libras em território indígena, as epistemologias azuis surgem como faróis, iluminando a riqueza intercultural e decolonial da educação surda, abraçando a vastidão da diversidade linguística e cultural dos povos surdos e indígenas.

Na segunda seção: “Desvelando-me como educador surdo”, revelo quem sou eu no mundo ouvinte e no ensino da língua de sinais num território indígena? Desvendo-me, revelando cada camada de minhas vivências desde a minha vida ao mundo como sujeito surdo até a conquista das letras no mestrado acadêmico da Universidade Federal de Rondônia. Neste mosaico da minha cultura e identidade, narro as barreiras, as descobertas e a influência vital daquela que, com sinais, me mostrou um novo universo de possibilidades. Busco, nesse desvelar, lançar luz sobre as nuances de ensinar a língua de sinais em um ambiente tão singular quanto o indígena.

Na terceira seção: “O Espelho da Sala de Aula”, busco demonstrar quem são os Surdos Paiter Suruí — Olhando para os olhos silenciosos e profundos de meus alunos surdos, busco traçar suas histórias, suas origens, seus desejos e desafios. Ao explorar os corredores da Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio Sertanista José do Carmo Santana, desejo entender o universo desenhado na intersecção entre ser indígena e ser surdo indígena.

Na quarta seção: “Ensinando e Aprendendo Sinais entre Cantos Ancestrais”, mergulho no desafio e na beleza de ensinar a língua de sinais em território indígena. Aqui, as histórias se entrelaçam, revelando as metodologias, os desafios, as conquistas e as singularidades desse ensino. Entre os cantos ancestrais e os sinais, revelo alguns sinais da língua indígena de sinais Paiter Suruí, formadas a partir da intersecção entre o português, o tupi mondé, como sinais próprios que nasceram no coração da floresta amazônica.

Ao final desta dissertação, espero que estas narrativas tecidas sirvam como uma ponte, unindo mundos, sonhos e realidades, e inspirando outros a também contarem suas histórias. Através desta pesquisa, espero não apenas contribuir para a linha de estudos da diversidade cultural no contexto amazônico do Programa de Mestrado Acadêmico da Universidade Federal de Rondônia, sob a orientação do Professor Dr. João Carlos Gomes, coorientação do Professor Dr. Amauri Moret, mas também fomentar e promover a existência de uma comunidade de surdos indígenas, que, por

muito tempo, permaneceu à margem das outras comunidades surdas do estado de Rondônia. As minhas narrativas foram construídas ao longo desta pesquisa, buscando revelar o mundo invisível, mas profundamente enriquecedor, das interações entre a cultura surda e indígena na floresta amazônica no estado de Rondônia.

SEÇÃO I
A ETNOGRAFIA DE SI PARA A PRODUÇÃO DA PESQUISA

1.0. Um Mergulho no Universo da pesquisa

No pulsar das folhas da floresta, entre os sons e silêncios da natureza, existem histórias que desafiam a lógica do comum, que dançam entre o visto e o invisível, entre o ouvido e o não ouvido. Cada ser humano carrega consigo um universo de experiências, entrelaçadas em suas raízes, crescendo como árvores majestosas de narrativas que esperam para ser contadas.

Em minha formação, descobri que a etnografia não é apenas sobre observar o "outro", mas também sobre mergulhar profundamente em si, entrelaçando os fios de sua própria existência com as tramas complexas do mundo ao redor. É uma dança constante entre ser observador e ser participante, entre ser sujeito e objeto de investigação.

Nesta seção convido você para embarcar nessa dança, a explorar territórios desconhecidos e famosos ao mesmo tempo. Em “Entre Mãos que Falam e Olhos que Contam”, exploraremos a magia da comunicação gesto visual, o poder das mãos que falam mais alto que palavras e dos olhos que narram histórias sem pronunciar uma única sílaba.

“A Pesquisa Pós-Crítica na Epistemologia Azul” nos desafia a reconsiderar as fundações do conhecimento, a questionar as lentes através das quais vemos o mundo, e a pintar nossa compreensão com os matizes vibrantes do azul — uma cor que simboliza profundidade, intuição e o inexplorado.

“Águas Profundas do Eu” é um convite introspectivo. Uma revelação de um processo de ensino e aprendizagem das línguas de sinais, em que as águas do autoconhecimento se tornam um espelho, refletindo nossa essência e os mundos que habitamos.

Por fim, em “Os Pressupostos da Etnobiografia”, navegaremos pelos mares da identidade, da experiência e da pedagogia, entendendo como a surdez não é uma limitação, mas uma perspectiva única que enriquece o mosaico da educação.

Assim, caro leitor, convido-o a se juntar a mim nestas narrativas e memórias, a abrir sua mente e coração para as narrativas que se desdobram, e a descobrir junto comigo a cultura e identidade da experiência humana dos surdos indígenas. A etnografia é, afinal, um ato de amor, de compreensão e de revelação. E cada página é um convite à descoberta.

1.1. Entre Mãos que Falam e Olhos que contam

O cheiro fresco da floresta amazônica de Rondônia sempre permanecerá em minha memória. No momento em que coloquei os pés na terra indígena da aldeia Ĝapĩir, senti uma conexão imediata com o território da Escola dos Paiter Suruí. Olhando ao meu redor, cada detalhe da paisagem parecia contar uma história; e eu estava prestes a me tornar uma parte dela.

Ao entrar na “Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio Sertanista José do Carmo Santana”, as paredes cobertas de símbolos culturais ancestrais e obras de arte vibrantes me cumprimentaram. Eu, um educador surdo, estava ali com um propósito claro, mas carregando também a curiosidade de uma criança: ensinar a língua de sinais para os jovens surdos indígenas da comunidade Paiter Suruí.

Os primeiros dias foram uma mistura de emoções. Cada sala, cada corredor, pulsava com uma energia única, e eu me vi imerso em um ambiente de aprendizado que nunca havia experimentado antes. As mãos dos alunos dançavam com entusiasmo, formando palavras e frases em uma linguagem que para mim era tão familiar, mas que aqui ganhava novos contornos e significados.

Mas não era apenas sobre ensinar. Era também sobre aprender. Aprender sobre a rica diversidade da cultura e identidade dos Paiter Suruí, sobre suas tradições, seus desafios e suas aspirações. Muitos dos alunos com quem conversei compartilharam suas lutas pessoais, tentando conciliar suas identidades surdas e indígena em um mundo que muitas vezes não compreende nem uma, nem outra.

As conversas com os outros educadores foram reveladoras. Eles me mostraram as estratégias pedagógicas que adotavam, sempre com o objetivo de nutrir não apenas a compreensão linguística, mas também as raízes culturais dos alunos. Foi uma troca rica e contínua, em que cada aula se transformava em uma celebração de identidade e pertencimento.

Como educador na aldeia Ĝapĩir, percebi que cada gesto, cada palavra formada pelas mãos, contava uma história e revelavam outros olhares que ainda não conhecia. E eu estava ali, no meio dela, não apenas como observador, mas como participante. Aprendi que a etnobiografia não é apenas sobre documentar, mas sobre viver, sentir e se tornar parte de uma comunidade.

Ao refletir sobre minha experiência, entendo que não foi apenas uma missão de ensino, mas uma oportunidade de crescimento pessoal. Aprendi sobre a força da

comunidade Paiter Suruí, sobre a importância de se expressar e conectar e, acima de tudo, sobre a riqueza da diversidade humana. E, enquanto sigo em minha caminhada, carrego comigo as lições, as Narrativas e os rostos daqueles que conheci na aldeia Ĝapĝir.

1.2. A pesquisa pós-crítica na epistemologia azul

Uma pesquisa de etnografia de si é uma forma de pesquisar as minhas próprias experiências como educador surdo numa escola indígena, com alunos surdos, as peculiaridades dos saberes e as próprias práticas realizadas, tendo como referência o contexto sociocultural em que se estão inseridos, os alunos e o professor surdo. É uma forma de autoconhecimento, de reflexão crítica e de transformação pessoal e profissional.

A minha inspiração indicada pelo orientador, João Carlos Gomes, foi construída com base na epistemologia azul que ele vem desenvolvendo a mais de 10 anos no campo dos estudos culturais em contextos naturais e culturais da Amazônia. Os pressupostos teóricos de Antônio Nóvoa (1992), um educador português, que propõe a etnografia de si como uma metodologia para a formação de educadores, baseada na escrita autobiográfica e na análise das narrativas de vida. Segundo ele, a etnografia de si permite ao educador compreender melhor o seu papel, as suas crenças, os seus valores e as suas relações com os alunos, os colegas e a comunidade escolar.

Neste rumo, a perspectiva dos estudos pós-críticos de Marlucy Paraíso (2012), uma pesquisadora brasileira em educação e currículo, serviu de pressupostos para reconhecermos que a etnografia de si é uma forma de problematizar as identidades fixas dos sujeitos surdos impostas pela sociedade brasileira. Os pressupostos pós-crítico de Paraíso (2012), permiti defendemos que a etnografia de si é uma forma de resistir às normas e aos discursos dominantes que regulam as condutas e as subjetividades dos indivíduos nos estudos acadêmicos cartesianos que usam apenas a lógica da racionalidade científica.

Podemos reconhecer que a etnografia de si seja feita com base em conceitos da filosofia da diferença de Gilles Deleuze (2006), que permitem pensarmos o currículo na área das línguas indígenas de sinais, como um território de multiplicidades e variações diversas. A filosofia da diferença permite explorarmos as potencialidades da alteridade como princípio criativo e afirmativo da vida. Deleuze propõe conceitos como diferença em si, repetição, multiplicidade, devir, rizoma, plano de imanência,

entre outros, que visam escapar das representações fixas e identitárias que dominam o pensamento ocidental. Deleuze nos ajuda com uma filosofia que consiga pensar o novo, o singular, o inesperado, o não-idêntico, o não-sensível, o não-humano.

Nesta perspectiva das epistemologias pós-críticas dos estudos da diversidade cultural, as epistemologias azuis de João Carlos Gomes e Shirley Vilhalva (2022), no contexto das etnografias de si, é uma forma de valorizar os saberes e as culturas dos povos originários do Brasil. Os pressupostos deles permitem afirmarmos que a etnografia de si é uma forma de reconhecer a diversidade epistemológica e ontológica que existe no país, e que muitas vezes é ignorada ou silenciada pela educação básica formal. Desta forma, as epistemologias azuis permitem reconhecermos que a etnografia de si seja construída com narrativas que possui premissas e pressupostos da pedagogia decolonial, que busca desafiar as formas hegemônicas de conhecimento e poder que foram impostas pelo colonialismo. Nesta perspectiva, as nossas narrativas da etnografia de si podem ser construídas com base nos diálogos interculturais, que valorizam as línguas indígenas de sinais em contextos interculturais de organização das escolas indígenas.

Com base nos pressupostos apresentados por Ferrarotti (1988) a etnografia de si, entrelaça entre a esperança e o ceticismo pedagógico. Ele é pessimista quanto às reformas de educação escolar, mas otimista quanto ao potencial das novas abordagens na formação de educadores para educação básica. Essa dualidade presente numa didática pós-crítica ecoa em mim, um educador surdo lotado numa escola indígena dos Paiter Suruí, buscando equilibrar as demandas institucionais com a essência de minha identidade de sujeito surdo, com os processos próprios de ensino e aprendizagem de alunos surdos. Os pressupostos de Ferrarotti (1988), apesar de origem em um contexto distante, o eco de sua mensagem ressoa com significado no território da minha formação como educador em escola indígena no contexto amazônico.

Com base nestes pressupostos dos estudos culturais pós-crítico, que constitui a epistemologia azul adotado pelo meu orientador, Professor Dr. João Carlos Gomes, nos leva a identificar caminhos para pesquisar os conhecimentos de ensino de língua indígena de sinais em contextos culturais diversos (ETNOLIS). Essa tendência, entretanto, não se limita as fronteiras geográficas dos territórios indígenas. Ela se manifesta em diversos países, incluindo o meu próprio, com outras, perspectivas acadêmicas de estudos de linguística aplicada as línguas indígenas de sinais.

A comunicação em línguas de sinais, no fundo, transcende a língua e a cultura, tornando-se uma forma de promovermos o empoderamento. É forma de afirmação do nosso direito linguístico de ser representados por nós mesmos. “Trata-se, em outras palavras, do direito dos educadores de falarem e de serem representados por si” (Nóvoa, 1992, p. 10). Essas palavras ecoam como um chamado à ação, uma lembrança constante de que a resistência e a transformação podem nascer das minhas narrativas ensinando alunos surdos em território indígena.

Enquanto percorria pelo contexto indígena como educador surdo, fui tocado por essa perspectiva para a realização desta pesquisa. Cada sinal que ensinava, cada conexão que fazia, era uma afirmação do direito de cada aluno, incluindo a mim mesmo, de realizar formas de comunicação e expressão que ecoasse além das barreiras linguísticas. A língua de sinais ecoa palavras que reverbera com um novo significado, uma narrativa que me conecta com educadores de todas as origens e que se entrelaçava com a trama da minha própria etnografia como educador surdo de uma escola indígena no contexto amazônico.

Minha posição como educador surdo me coloca em um lugar único para compreender as nuances dessa intersecção complexa entre identidade indígena e surdez. A cada dia, minhas interações com os alunos e colegas educadores numa escola indígena, mediado pela tradução de intérprete de língua de sinais, me permitiam desvendar a tapeçaria cultural e educacional que estava diante de mim.

Lembro-me vividamente das palavras que ecoaram em minha mente enquanto explorava a escola: “diversidade e multiplicidade linguística no passado” de Rodrigues (1993). Essa lembrança me fez recordar a imensa variedade de línguas indígenas que ecoavam por essas terras há quinhentos anos, antes da chegada dos europeus. O trabalho do padre jesuíta Fernão Cardim, com sua relação de povos indígenas e línguas, ressoava com a diversidade que eu agora testemunhava em uma realidade contemporânea. A multiplicidade linguística estava entrelaçada nas histórias, nos gestos, nas expressões faciais dos alunos Paiter Suruí, cada um trazendo consigo uma herança rica e distinta.

À medida que minhas aulas começaram, percebi que o ensino da língua de sinais para esses alunos ia além da mera transmissão de conhecimento. Era uma troca profunda de culturas e experiências. “O ponto de partida foi as reflexões de Rodrigues (1993) que ressoava enquanto eu observava os alunos compartilhando suas Narrativas e realidades por meio das mãos habilidosas que dançavam no ar. A

língua de sinais se tornava um elo essencial para preservar suas identidades, para estabelecer conexões que ultrapassavam barreiras linguísticas e culturais.

Conversas com meus colegas educadores me revelaram a complexidade das estratégias pedagógicas que deveriam ser adotadas na escola. Cada aula era meticulosamente planejada para incorporar não apenas a linguagem, mas também as tradições e valores da comunidade. Cada gesto se tornava uma forma de expressão profunda, uma tradução viva da rica história indígena. “Teria sido de cerca de 1,2 mil o número de diferentes línguas faladas” — fui sentido em cada interação, lembrando-me da diversidade linguística existente neste território séculos e que agora estava ganhando novos olhares de um novo tempo.

À medida que me aproximava dos alunos surdos indígenas, fui confrontado com desafios mais profundos. Logo fui observando como pesquisador que as lutas internas daqueles meninos e meninas haviam silenciamentos entre suas identidades indígenas e sua surdez, no olhar notava-se que cada uma e cada um trazia consigo uma história única e complexa, uma história intrinsecamente entrelaçada com a multiplicidade das línguas e culturas que moldaram eles no jeito de ser surdo em sua comunidade e nação.

Minha experiência como educador da escola indígena com a língua indígena de sinais brasileira, proporcionou-me uma perspectiva íntima das vidas desses alunos e de uma teia de influências culturais, pedagógicas e linguísticas que estavam moldando suas experiências educacionais. Ao adotar uma abordagem pessoal, pude capturar comunicações silenciosas nas expressões corporais do olhar dos indígenas surdos que ecoam através dos sinais peculiares, das expressões e das narrativas que compartilhavam comigo em sala de aula. Cada conversa, cada aula, cada momento de conexão com eles enriqueceu minha própria compreensão da diversidade humana e da importância de reconhecer e valorizar os gestos visuais que muitas vezes são reconhecidos de forma simplista como gestos caseiros.

Nesta dissertação a auto exploração etnográfica, em cada gesto, em cada olhar, encontrei a resiliência e a força de uma comunidade que persiste em se expressar, em se conectar e em moldar um futuro que reflete suas identidades únicas e coletivas de comunicação e expressão em língua de sinais indígena. A experiência de ser educador surdo nesse contexto indígena, através da etnografia de si, permitiu-me não apenas ensinar, mas também aprender, explorando e refletindo as profundezas de uma realidade que ressoa com a riqueza da diversidade humana no uso das línguas de sinais.

1.3. Águas Profundas do Eu

Viver e experienciar a etnografia de si, sob a influência das ideias de Clifford Geertz (2008), assemelha-se a submergir nas profundezas de um rio, onde cada estrato encerra narrativas, conhecimentos e práticas forjadas pelo contexto sociocultural em que estamos imersos. Na minha formação acadêmica transcendi a mera busca pelo autoconhecimento. A minha formação me levou a uma travessia enriquecida por reflexões pós-críticas que têm o potencial, e frequentemente se traduzem, em transformações pessoais e profissionais para aqueles que se aventuram pelos caminhos das epistemologias pós-críticas, conforme delineadas pelo professor e orientador desta pesquisa, João Carlos Gomes.

Nesse contexto de imersão nas águas profundas da etnografia de si, a influência da concepção de Michel Foucault (2014) adiciona uma dimensão crítica e analítica às nossas reflexões. Assim como Geertz (2008) nos conduz através das camadas simbólicas do rio cultural, Foucault nos instiga a examinar as estruturas de poder que moldam essas águas. Em sua análise arqueológica, desvela as complexas redes de discursos, normas e instituições que permeiam nossa existência, influenciando nossas práticas e identidades.

Ao adotar uma perspectiva foucaultiana na etnografia de si, percebo que minha formação acadêmica não é apenas uma exploração pessoal, mas também uma análise crítica das forças que moldam as narrativas culturais e, por extensão, as experiências educacionais dos surdos. Foucault nos lembra que o conhecimento está intrinsecamente ligado ao poder, e ao desenterrar as camadas do meu próprio entendimento, sou desafiado a reconhecer e questionar as dinâmicas de poder que permeiam meu papel como educador surdo.

Assim, enquanto as ideias de Geertz proporcionam uma compreensão interpretativa das narrativas culturais submersas, a abordagem foucaultiana traz uma consciência aguda da interseção entre poder, conhecimento e prática pedagógica. A etnografia de si, enriquecida por essas perspectivas, torna-se a minha formação não apenas um autoconhecimento, mas também de desvelamento das relações de poder que moldam as águas turbulentas do contexto educacional intercultural. Nessa travessia, as epistemologias pós-críticas se entrelaçam com as análises foucaultianas, proporcionando um terreno fértil para uma compreensão mais profunda e transformadora da minha prática como educador surdo.

Inspirado pelo educador português Antônio Nóvoa (1992), as epistemologias azuis nos despertaram para a possibilidade de refletir os dilemas pedagógicos numa escola indígena, por meio da etnografia de si, considerando os processos próprios de ensino e aprendizagem de alunos surdos, utilizando de uma metodologia preciosa para a formação de educadores que buscam os caminhos da pesquisa. É através da escrita “autobiográfica” e da análise de narrativas de vida, podemos compreender profundamente o papel de um educador pesquisador num território indígena.

As nossas reflexões nos permitem entender nossas crenças, valores, e a essência de nossas relações com alunos, colegas e com a comunidade no contexto da escola indígena dos Paiteer Suruí, ofertada na linha 14. Segundo Nóvoa (2012), a riqueza da história de vida de um educador é tão vasta, tão repleta de nuances, sendo quase impossível capturá-la em um único olhar. São como caminhos abertos em uma floresta, onde cada trilha leva a uma experiência única.

Nas trilhas pedagógicas dessas reflexões, encontrei ecos das ideias de Ferrarotti (1988) e Nóvoa (1992), que revelam o imenso potencial escondido nas Narrativas de vida dos educadores que buscam trilhar os caminhos do ensino, pesquisa e extensão. Para eles, essas narrativas não são simples relatos ou memória de vida; são de fato, um movimento acadêmico, que desafia o estabelecido pelas ciências cartesianas, destacando-se como uma resistência silenciosa e um grito contra o silenciamento das formas de comunicação de um educador da Libras na Amazônia brasileira.

Aprofundando-me na perspectiva dos estudos pós-críticos, guiado pelos pressupostos teóricos de Marlucy Paraíso (2004), uma pesquisadora brasileira que vê nos estudos culturais um modo de desafiar as identidades fixas impostas pela sociedade capitalista contemporânea. Ela vê as possibilidades de outras epistemologias que permitem aos educadores a construir outras práticas de como uma resistência aos discursos dominantes nos convida a entender o currículo através da lente da filosofia da diferença, como proposto por Gilles Deleuze (2006). Neste contexto, surgem as teorias pós-críticas que, influenciadas por correntes teóricas como o pós-estruturalismo e pós-modernismo, trazem novas ferramentas conceituais para a pesquisa em educação.

Gomes & Vilhalva (2022), com um olhar pesquisador voltado para o etnoconhecimento das línguas indígenas de sinais em contextos educacionais das escolas indígenas, nos leva por meio das “epistemologias azuis”, a defendemos a valorização dos saberes dos povos originários do Brasil. Neste contexto, que as

minhas reflexões acadêmicas como educador surdo se entrelaçam, refletindo sobre os etnoconhecimento dos sinais emergentes usados pelos indígenas surdos Paiter Suruí, e como esses sinais se manifestam sendo expressos no contexto da educação escolar indígena.

Nesta minha etnobiografia, não realizo apenas uma descrição de mim, mas busco reconhecer a diversidade das práticas e experiências da educação de surdos na escola indígena Paiter Suruí. É um mergulho no eu, mas também no vasto oceano da educação escolar indígena e da cultura e identidade dos Paiter Suruí. É uma forma de construirmos um olhar atento e reflexivo sobre quem sou, onde estou e para onde posso ir como educador em um mundo em constante evolução e retrocessos das diferenças culturais.

Ao adentrar os intrincados caminhos da minha formação como educador surdo, trilho a rota ousada de me tornar protagonista e sujeito da minha própria prática na esfera da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em um território indígena. Nesta odisseia, sou um construtor ativo, um tecelão das minhas próprias experiências educacionais entrelaçadas pelas ideias de Michel Foucault e Clifford Geertz, que se entrelaçam e se manifestam nas minhas narrativas.

A minha autonomia como pesquisador, torna-se uma premissa fundamental, revela-se como o alicerce sobre o qual edifico e conduzo o processo educacional. Não sou apenas um executor de métodos convencionais, mas um artífice ativo, moldando minhas estratégias de ensino à luz das necessidades específicas dos alunos surdos indígenas e das peculiaridades da comunidade que me acolheu.

Minha condição de sujeito da minha própria prática educacional transcende o meramente profissional; é uma experiência intrinsecamente ligada à minha identidade cultural e linguística, compartilhada com os alunos. Essa ligação profunda cria um ambiente onde a compreensão mútua floresce, transformando o processo educacional em um espaço verdadeiramente significativo e enriquecedor.

As minhas escolhas conscientes dos processos de interação social usando da língua gesto visual não é apenas um ato linguístico, mas um compromisso com a preservação da cultura e identidade surda. Sou um guardião da identidade surda, um elemento essencial que, como educador surdo, tenho o papel crucial de transmitir e fortalecer os saberes identificados do etnoconhecimento de uma língua indígena de sinais.

Minha atuação em um território indígena adiciona uma dimensão intercultural profunda às minhas narrativas. Reconhecendo e respeitando a diversidade cultural dos povos indígenas, ergo pontes entre diferentes experiências e vivências culturais. Essa abordagem não é apenas uma estratégia pedagógica; é um respeito à diversidade, uma celebração das diferenças e um fio condutor para o respeito mútuo.

Como pesquisador das minhas próprias práticas sou sujeito surdo, protagonista da minha própria prática educacional, entrelaça os pressupostos teóricos de Geertz, proporcionando uma compreensão rica das camadas culturais submersas, enquanto a abordagem foucaultiana me leva a ganhar uma consciência aguda das dinâmicas de poder que permeiam meu papel como educador de uma língua gesto visual. Nesta odisseia, sou mais do que um transmissor de conhecimento; sou um agente de transformação, enriquecendo não apenas a educação, mas também a vida de todos os envolvidos.

1.4. Os pressupostos da etnobiografia

Quando comecei minha formação como educador surdo, nunca imaginei o quanto minha surdez influenciaria minha perspectiva educacional. Em um mundo em que a audição é muitas vezes vista como essencial para a comunicação e expressão, minha surdez me proporcionou uma janela única para compreender o mundo e a diversidade cultural que nele reside, por meio da língua gesto visual, que me coloca no mundo com outra forma de ser e compreender as relações entre mim, o outro e o mundo. Como sujeito perspectivo, com base nos pressupostos de Merleau Ponty revelados por Marilene Chauí (1994), a minha percepção visual é o modo primordial de acesso ao mundo, que não é constituído de um conjunto de objetos fixos e separados, mas uma rede de significações que se revelam para mim por meios perceptivos.

Esses pressupostos teóricos permitem que eu possa assegurar na perspectiva pós-crítica, que sou um 'sujeito' falante de uma língua gesto visual, emergindo em concepções que transcendem a visão tradicional de "sujeito e objeto" como uma entidade isolada e racional. Eu, como sujeito, não sou uma substância distinta, mas sim um corpo vivo e situado, cuja existência é forjada nas interações com o mundo. Essas interações ocorrem por meio de diálogos interculturais, em que a língua gesto visual se configura como a principal mediadora entre o meu eu e o outro, entre o interno e o externo, e entre o sensível e o inteligível.

Nessa abordagem pós-crítica, o meu corpo torna-se um espaço de significado, em que gestos, sinais, e expressões não apenas refletem, mas também constituem minha linguagem com o uso da língua de sinais. Essa língua gesto visual própria é mais do que uma simples forma de comunicação; é uma expressão dinâmica que transcende as fronteiras tradicionais da linguagem, estabelecendo uma ponte entre as nuances da minha experiência interna e as complexidades do mundo exterior.

Ao reconhecer o caráter relacional da língua de sinais, compreendo-me como um sujeito em constante diálogo com meu entorno, construindo significados não apenas através de palavras, mas também por meio de movimentos, expressões faciais e gestos corporais. Esta abordagem pós-crítica enfatiza a fluidez e a diversidade das formas de expressão, rompendo com a concepção estática e normativa do sujeito.

Assim, como sujeito perspectivo pós-crítico, minha identidade é moldada pela interação contínua entre o gesto visual e o mundo, desafiando as fronteiras preestabelecidas entre o eu e o outro, entre o corpo e a linguagem, entre a subjetividade e a diversidade cultural. O outro para mim é aquele que me olha e me reconhece como um ser semelhante a ele, mas também diferente e irreduzível nas formas de expressar e estar no mundo. O mundo para mim é o horizonte comum que compartilho com os outros, mas que também me desafia e me surpreende com as diferenças.

Nesta perspectiva, a filosofia de Merleau-Ponty, revelada por Chauí (1994), ajudar-me a compreender e buscar superar as dicotomias clássicas do pensamento ocidental, como sujeito-objeto, mente-corpo, natureza-cultura, e mostrar a unidade originária da experiência humana em sua dimensão concreta, histórica e intersubjetiva. Com esse olhar pesquisador de Merleau-Ponty, a minha percepção de sujeito surdo é um modo primordial de acesso ao mundo, que não é consolidado de um conjunto de objetos fixos e separados, mas de uma rede de significações e significados de signos linguísticos que me revelam como sujeito perceptivo.

Neste prisma, a minha busca por autoconhecimento e desenvolvimento profissional como educador, levou-me a descoberta dos pressupostos de Ricardo Vieira (2013), que em suas reflexões sobre a Antropologia da Educação me introduziu um olhar perspectivo que vai além das paredes da sala de aula. A ideia de que a educação escolar indígena pode acontecer em todos os lugares — na escola, na família, na floresta, em nossa trajetória social da educação escolarizada — foi

reveladora. Comecei a perceber que a educação escolar indígena como um mosaico de experiências que desempenham um papel crucial na (re)construção de nossas identidades pessoais como educador numa escola indígena.

Ao ler e refletir sobre “etnobiografia”, fui instantaneamente atraído pela ideia. Para mim não é apenas uma técnica de pesquisa; tornou-se um uma forma de entender a mim mesmo como sujeito surdo e educador da língua de sinais que se comunica por meio da percepção utilizando uma língua gesto visual. Através dela, eu posso explorar minha cultura e identidade, que foi moldada por um mosaico de experiências como surdo, vivendo num mundo ouvinte, e como indivíduo inserido em um mundo diversificado e multicultural.

Os pressupostos de Vieira (2013), levaram-me a entender as pessoas como resultado de uma “bricolagem identitária” que ressoou profundamente comigo. Minha vida, minha carreira, e minha identidade não foram lineares; elas foram o resultado de muitas peças reunidas ao longo dos anos usando uma língua gesto visual. A Bricolagem identitária é um conceito usado nas epistemologias pós-crítica de Marlucy Paraiso (2012) que se refere à forma como as pessoas constroem suas identidades a partir de elementos diversos e heterogêneos, que podem ser culturais, sociais, históricos, religiosos, entre outros.

A construção da minha bricolagem identitária foi construída de forma criativa com flexibilidade para lidar com as diferenças e as contradições que fizeram parte da experiência como educador em território indígena. A minha bricolagem identitária pode ser vista como uma estratégia de resistência e de afirmação diante das imposições e das normas dominantes da cultura do mundo ouvinte. Portanto, esse conceito, permitiu que eu refletisse a minha condição humana como educador usando pressupostos do conhecimento da antropologia, sociologia, educação, psicologia, arte, entre outros.

Nesta perspectiva, a minha etnobiografia também me ofereceu uma nova forma de refletir sobre a minha autoafirmação. Ao pensar sobre minhas experiências como educador da Libras num território indígena, pude racionalizar com paixão e compreender melhor minha própria trajetória como educador e pesquisador surdo. Esta prática tornou-se essencial para minha carreira como pesquisador na área de letras, com estudos voltados para diversidade cultural, usando os pressupostos da Antropologia da Educação, principalmente no contexto da diversidade cultural, com estudos do etnoconhecimento das línguas indígenas de sinais.

Para um educador surdo pesquisar uma língua de sinais indígena utilizada por indígenas surdos do Povo Paiter Suruí, só foi possível porque participei dos movimentos de estudos e pesquisas voltados para etnoconhecimento das línguas indígenas de sinais (ETNOLIS) das epistemologias azuis. Trata-se de um campo de conhecimento que nos leva as reflexões teóricas e metodológicas sobre como descrever e registrar as línguas indígenas de sinais, no contexto do Grupo Pesquisador em Educação Intercultural (GPEI), vinculado ao CNPq, Universidade Federal de Rondônia, sob a liderança do professor João Carlos Gomes, baseadas nos estudos surdos e nos estudos pós-coloniais.

As epistemologias azuis buscam valorizar as línguas de sinais indígenas como expressões culturais e identitárias dos povos originários, reconhecendo sua diversidade, criatividade e resistência. Essa modalidade de epistemologia procura relacionar os estudos descritivos e registros das línguas indígenas de sinais com os processos de ensino e aprendizagem na área da linguagem da educação escolar indígena. Ao reconhecemos a ETNOLIS as práticas pedagógicas de ensino da língua procuram respeitar e fortalecer a aprendizagem utilizando recursos relacionando saberes dos processos próprio de ensino e aprendizagem destes sujeitos (GOMES e VILHAVA, 2021).

Portanto, ao escolher o caminho da etnobiografia, esperava não apenas entender minha identidade e como educador surdo em uma escola indígena, mas também inspirar outros educadores. A diversidade é a força vital para que a educação escolar indígena seja, diferenciada, autônoma e bilíngue. Quanto mais pudermos compreender e apreciar essa diversidade, mais conseguimos nutrir uma modalidade de educação intercultural que promove diálogos entre surdos e ouvintes enriquecedoramente. Através da etnobiografia, busquei uma maneira de compartilhar minha história, de inspirar outros e de contribuir para uma educação escolar indígenas com sujeitos surdos, celebrando a diversidade da cultura e identidade surda de todas as suas formas.

SEÇÃO II
ETNOBIOGRAFIA DE EDUCADOR SURDO

2.0. Etnobiografia do educador da Libras

A etnobiografia, ao entrelaçar a narrativa pessoal com a etnografia, convida a uma profunda imersão nas intrincadas teias da identidade e da experiência humana. Em um contexto no qual a surdez é frequentemente vista sob uma perspectiva de deficiência ou de ausência, a história de um educador surdo emerge como uma poderosa afirmação da plenitude, da resiliência e da riqueza cultural e individual. Esta seção se dedica a trilhar esse percurso, revelando as múltiplas camadas que compõem minha etnobiografia como educador surdo.

A origem familiar é o ponto de partida, por ser no seio da família que as primeiras noções de identidade, pertencimento e cultura são forjadas. Meu legado familiar é uma tapeçaria rica de tradições, valores e histórias que, mesmo antes da revelação da minha surdez, já delineava os contornos da minha formação. É nesse espaço íntimo que se dão os primeiros confrontos e aceitações, os primeiros desafios e triunfos.

A descoberta da surdez não foi apenas um diagnóstico médico, mas uma revelação que reconfigurou minha trajetória e a de minha família. Esta etapa da minha história se aprofunda nas emoções, nos desafios e nas reconfigurações que tal descoberta trouxe. Longe de ser uma limitação, a surdez abriu portas para um universo rico e complexo de linguagens, expressões e conexões.

A educação básica, permeada por barreiras, também foi palco de muitas conquistas. Cada sala de aula, cada professor e colega, cada lição aprendida e ensinada, moldou-me, reforçando a importância da inclusão, do respeito e da valorização das diferenças. A educação superior expandiu ainda mais esse horizonte, revelando a potência da pesquisa, do debate acadêmico e da construção coletiva do conhecimento.

A conquista do mestrado não foi apenas um marco acadêmico, mas uma afirmação de que a surdez, longe de ser um obstáculo, pode ser um catalisador para a busca contínua por conhecimento, compreensão e crescimento. A cada etapa dessa narrativa, aprendi que a identidade de um educador surdo não se define pela ausência do som, mas pela riqueza de experiências, pela paixão pelo ensino e pela incessante busca por significado e conexão.

Esta seção é um convite para o leitor adentrar nas nuances da minha trajetória, compreendendo que cada momento, cada desafio e cada vitória contribuíram para a

formação do educador surdo que hoje compartilha sua etnobiografia. É uma forma de autodescoberta, celebração e, acima de tudo, de humanidade.

2.1. Ressonâncias do Silêncio

Na rica diversidade da vida amazônica, insiro minha narrativa etnobiográfica, tecendo os fios de minha formação como sujeito surdo que se metamorfoseou em um educador de Libras no vasto território da Amazônia. Esta etnobiografia abraça o mosaico de minha formação, refletindo tanto a introspecção autobiográfica quanto a observação etnográfica de minha vida, enquanto interajo com o contexto socioeconômico, político e histórico.

A linguagem é, para muitos, o véu entre o ser e o mundo. Como surdo, encontrei nas complexidades da Libras minha língua-mãe, enquanto a língua portuguesa, no modo escrito, ergue-se como minha segunda língua. Ao narrar minha trajetória, busco não apenas registrar minha experiência individual, mas também ressoar as vozes, lutas e anseios de toda a comunidade surda que, frequentemente, é estigmatizada e marginalizada.

Nascido surdo em 1984, em Cacoal, Rondônia, o véu do silêncio cobriu minha infância até os quatro anos, quando minha família tomou conhecimento de minha surdez. A descoberta mergulhou minha família em uma espiral de incerteza e desespero, exacerbada pela escassez de recursos na pequena cidade de Ministro Andreazza.

Numa paisagem vivida e sentida, recordo-me das emoções que atravessaram a vida de minha família quando descobriram minha surdez ainda criança. As entranhas maternas foram as primeiras a reagir. Quando minha mãe se deparou com a realidade de que eu era surdo, o mundo, por um instante, pareceu desmoronar. No primeiro momento, as raízes familiares não traziam em suas histórias alguém com surdez. Era um território desconhecido.

Em busca de compreensão, minha mãe fez uma travessia. Ela me levou a Bauru e, posteriormente, à metrópole de São Paulo. Durante essa narrativa, seus temores foram aplacados. Enxergou, em sua imersão por essas cidades, que a surdez não me tornava uma entidade à parte. A familiaridade com o diferente trouxe conforto.

Ela e meu pai, em uma comunhão de sentimentos, decidiram manter a privacidade sobre minha condição. Embora meu pai não dominasse a Libras — e até hoje ainda não a conheça —, nossa conexão se estabeleceu através de gestos. A

comunicação gestual tornou-se nossa linguagem afetiva, e fluíamos nela como se dançássemos ao som de uma melodia silenciosa, porém vibrante.

Do ventre da vida, vieram meus dois filhos. Eles, assim como eu, carregam a herança da surdez. Ainda assim, em seus olhares e sorrisos, minha mãe encontra a expressão pura do amor que sente pelos netos. Essa matriarca sempre foi minha rocha, minha âncora, e me apoiou em todas as encruzilhadas da vida.

Porém, nem todos os capítulos dessa etnobiografia são iluminados pelo sol. Lembro-me dos dias em que estive no 6º e 7º ano, onde o som da zombaria dos colegas parecia mais ensurdecido do que o silêncio. Eles me chamavam de “surdinho”, questionando minha presença entre eles. Essa dor também trespassou o coração de minha mãe, que enfrentou adversidades nas reuniões escolares.

Porém, mesmo nos momentos mais sombrios, a luz da minha família sempre prevaleceu. Eles são o retrato da resiliência e do amor incondicional. Hoje, o ciclo da vida deu voltas, e sou eu quem auxilia meus pais. Em meu coração, carrego um profundo orgulho por minha família, e sinto que também sou motivo de orgulho para eles. Esta é a tapeçaria entrelaçada de nossa etnobiografia familiar.

2.2. A educação especial para surdos

Foi a resiliência de minha mãe que me levou para o município de Cacoal, estado de Rondônia, um lugar que prometia educação para crianças como eu. Minha formação educacional foi repleta de desafios. Da educação inclusiva, onde a solidão me envolvia, ao encontro com a professora Marinalva, que marcou a minha formação na educação escolar, apresentando-me a Libras, minha vida foi uma série de altos e baixos, neste período.

A professora Marinalva foi um farol, guiando-me através dos mares tempestuosos da educação escolar, sustentado pelos paradigmas da educação especial e inclusiva. Sob sua orientação, rompi as barreiras do silêncio, abraçando minha identidade surda com orgulho. Sua influência não se limitou ao domínio da língua, mas permeou todos os aspectos de minha vida acadêmica e profissional, moldando-me como o educador da Libras que sou hoje.

Nas paisagens sonoras de Cacoal, o silêncio se tornou minha voz mais potente, meu refúgio e, por vezes, meu desafio. A trajetória que vos apresento não é apenas sobre mim, mas também sobre as mãos que moldaram o silêncio, transformando-o em uma língua vibrante na minha comunicação.

No âmago de minha vivência, a professora Marinalva, foi uma mulher que, para além dos sons, tecia narrativas com seus gestos. Ela tinha uma conexão profunda com a língua dos sinais, fruto de seus estudos no INES - um renomado espaço de conhecimento dedicado aos surdos, situado no Rio de Janeiro. Após sua passagem por lá, em Cacoal, semeou suas aprendizagens na Escola Cora Coralina.

Sob a tutela de Marinalva, as linhas tênues de minha identidade se firmaram. Em suas mãos, descobri o poder da Libras, a língua que me fez enxergar a riqueza do silêncio, reconhecendo que ser surdo não era uma falta, mas uma diferença. Uma diferença que me fez forte, completo e orgulhoso de ser surdo.

Marinalva não era apenas uma professora. Ela era a tessitura entre a cultura surda e a ouvinte. Em sua presença, os obstáculos da educação escolar, onde a língua de sinais não ecoava nos corredores, pareciam mais amenos. Seu auxílio se estendia para além das paredes da Escola, onde, com paciência e dedicação, alinhavava os fios da minha formação.

Ao concluir minha formação escolar, busquei inserção profissional. Com a orientação de Marinalva, me tornei instrutor de Libras e, juntos, percorremos diversos caminhos ensinando e aprendendo como educadores da Libras. Seu apoio não cessou mesmo diante de minha ambição acadêmica. Ao enfrentar desafios no mundo virtual ao realizar um curso de educação a distância via Unopar, era ela quem decifrava as palavras e esclarecia minhas dúvidas, nos momentos que precisava.

O ciclo se completou quando, juntos, adentramos os corredores da FACIMED, ensinando Libras aos ouvintes. Ela foi contratada pela instituição para ensinar Libras e me levou junto como auxiliar. Foi sob sua sombra protetora que alcancei a certificação PROLIBRAS, solidificando meu espaço como educador contratado pela mesma instituição.

Marinalva tornou-se minha estrela guia, sempre soube que era preciso soltar as mãos que, por tanto tempo, me guiaram. E quando sentiu que eu estava pronto, permitiu-me seguir, confiante de que estava preparado para vida profissional. Hoje, carrego comigo a responsabilidade e o privilégio de ensinar, atuando na FACIMED e em escolas públicas de Rondônia.

As linhas de minha trajetória como educador da Libras se entrelaçam agora com a Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Neste novo capítulo, mergulho ainda mais fundo na cultura e na linguagem surda, buscando fortalecer e expandir o acesso à educação e cidadania para a comunidade surda de Cacoal.

Nesta etnobiografia, celebro não apenas minha formação, mas o legado de Marinalva, a mentora que, com suas mãos, moldou um caminho de resiliência, empoderamento e transformação. A formação acadêmica, ainda que tenha sido uma estrada árdua, sempre foi meu objetivo. Da graduação em Pedagogia à minha atual incursão em Letras Libras pela UNIASSELVI, revela que sempre tive fome por conhecimento e pela chance de ampliar os horizontes como educador da Libras.

Hoje, enquanto me aventuro no campo etnobiográfico no mestrado acadêmico em Letras da Universidade Federal de Rondônia, busco mais do que simplesmente narrar minha trajetória. Anseio por criar um arcabouço que revele as complexidades, lutas e triunfos da minha identidade surda. Desejo, através de minhas palavras e experiências, ser uma liderança para aqueles cujas histórias permanecem não contadas, para mostrar ao mundo a riqueza e a profundidade da cultura e da identidade surdas.

Eu sou surdo, sou educador, sou etnobiógrafo. Sou um tecelão de narrativas, entrelaçando os fios de minha experiência individual com as ricas tradições e desafios da comunidade surda de Rondônia, na esperança de construir uma caminhada de formação que celebre nossa diversidade cultural e resiliência para ser reconhecido como usuários das línguas de sinais no contexto amazônico.

2.3. As descobertas da educação básica

Em minha etnobiografia, as ressonâncias da língua de sinais perfazem-se como a essência da comunicação e formação da minha identidade. Elas são imersas nas lembranças de um ensino fundamental, em que a comunicação total ecoava pelos corredores de uma sala especial numa escola regular. A maioria dos alunos eram ouvintes e eu, como surdo, representava uma exceção naquele espaço. Minha professora, ao desconhecer minha língua natural, empregava um método centrado na oralização e sons, introduzindo aparelhos para estimular nossa fala. Naquelas manhãs ensolaradas, quando éramos conduzidos ao quintal da escola, ela nos apresentava ao mundo vegetal, mostrando-nos árvores e ensinando-nos suas nomenclaturas.

Os momentos em que ela apontava para um relógio e fazia uma alusão ao seu significado, ou quando articulava a palavra “bola” esperando uma repetição da nossa parte, eram esforços dela em trabalhar com o que na época denominávamos

“comunicação total”. O cotidiano era um desafio. Estar entre ouvintes e não possuir meios de comunicação plenos levava-me a depender do auxílio de colegas.

Já na adolescência, a memória da sala Cora Coralina refulge. Era ali, sob os cuidados da professora Marinalva, que eu e outros colegas surdos buscávamos esclarecimentos e suporte acadêmico. Ela, com sua vasta experiência e habilidade em Libras, nos auxiliava em diversas disciplinas, preenchendo lacunas que a escola regular não conseguia suprir devido à falta de intérpretes.

Em um dia particularmente memorável, Marinalva veio até a minha escola regular. Observei-a parada na porta da sala enquanto o professor convidava outros alunos para resolver equações no quadro. Percebi seu olhar questionador quando ele, talvez por preconceito, não me chamou para participar. Mas Marinalva, defensora incansável do nosso potencial, intercedeu. O resultado? Surpreendi o professor ao solucionar o problema proposto, mostrando-lhe que minha surdez não era um empecilho para o aprendizado.

No entanto, a formação não foi isenta de obstáculos. Houve momentos de alienação, quando colegas, por desconhecimento ou crueldade, nos referiam como “surdinho”. No entanto, as vitórias e os momentos alegres superaram os desafios. A força e confiança transmitidas por Marinalva, que via em nós potencial e nos instigava a seguir em frente, tornaram-se alicerce para superar adversidades.

O ensino médio, embora tenha tido seus próprios desafios, foi permeado de conquistas e aprendizado. Retrospectivamente, ao contemplar essa fase da vida, sinto gratidão. Gratidão por aqueles que acreditaram em mim, pela minha família que nunca desistiu, e por Marinalva, que sempre nos encorajou a acreditar em nós mesmos.

Assim, cada eco daquela época, cada ressonância da língua de sinais, moldou-me e permitiu que hoje eu compartilhasse essa narrativa, da educação básica até o ensino médio, com profunda gratidão e reconhecimento.

2.4. Entre Letras e Sinais: Uma Odisseia Acadêmica

O horizonte acadêmico do ensino superior se desenhou à minha frente com montanhas de desafios, mas também com vales de vitórias e aprendizados. A cidade de Goiânia, conhecida por muitos pelo seu vibrante coração cultural, se tornou o palco do meu primeiro enfrentamento: o vestibular para o Letras Libras. Embora o triunfo tenha sido palpável e a aprovação uma realidade, a distância geográfica entre meu lar em Rondônia e o estado goiano erigiu uma muralha intransponível.

Diante do revezamento do destino, Cacoal surgiu como um novo refúgio. Aqui, a pedagogia me acolheu. Escolher essa vertente pedagógica não foi apenas uma opção pragmática, mas um chamado. Essa caminhada, no entanto, foi marcada por obstáculos: as sombras de um ensino à distância sem interpretação em Libras e a solidão acadêmica. No entanto, como uma bússola na escuridão, a professora Marinalva se tornou meu farol, iluminando as áreas onde eu tropeçava, especialmente nas apresentações e trabalhos.

O triunfo de segurar o certificado foi como alcançar uma ilha depois de nadar contra correntezas turbulentas. Mas o horizonte continuou a me chamar. O sabor do conhecimento tornou-se insaciável. Mergulhei em uma pós-graduação, necessária para o progresso profissional, e posteriormente voltei aos braços do meu sonho inicial: Letras Libras.

A segunda imersão em Letras Libras não foi apenas um mergulho acadêmico, mas uma forma de autodescoberta. Aprofundei-me nas nuances da minha língua, entendendo sua estrutura gramatical e abraçando minha identidade com fervor. A vitória não se resumiu a um diploma, mas a um entendimento mais profundo de mim mesmo e da rica tapeçaria da comunidade surda.

Hoje, olhando para o vasto oceano do saber, percebo que a maré do aprendizado nunca se retira. Ela apenas aguarda, convidando-me a mergulhar mais uma vez nos desafios e triunfos que continuam por vir.

À medida que os dias se desenrolavam, percebi que cada diploma, cada certificado, eram apenas marcos da minha formação que não conheciam fim. O conhecimento, como um rio, flui constantemente, moldando e esculpindo a paisagem de nossa mente, alterando seu curso conforme as experiências que encontramos ao longo da vida.

Um capítulo significativo que se desenhou no horizonte foi a possibilidade de ensinar. Inspirado por mentores como a Professora Marinalva, imaginei-me no papel inverso: orientando, apoiando e guiando outros em suas próprias odisséias acadêmicas. O pensamento de ser o farol para alguém, como Marinalva foi para mim, acendeu uma paixão dentro de meu coração.

Fui convidado para palestras e workshops, transmitindo não apenas o conhecimento técnico da língua de sinais, mas também compartilhando minha vida pessoal, as barreiras que enfrentei e as vitórias que conquistei. Estas experiências ampliaram minha compreensão de que o aprendizado não é um caminho linear, mas uma rede interconectada de experiências, relacionamentos e autodescobertas.

A interação com jovens estudantes, muitos dos quais estavam no início de suas próprias caminhadas, foi revigorante. Eles olhavam para mim não apenas como um professor, mas como um testemunho vivo de que, apesar dos desafios, a perseverança e a paixão pelo aprendizado podem levar a realizações inimagináveis.

Ao refletir sobre minha trajetória, entendi que minha missão não era apenas adquirir conhecimento, mas também inspirar e capacitar a próxima geração. O ensino superior não foi apenas uma etapa, mas um trampolim para um propósito maior: criar pontes de compreensão, cultivar empatia e iluminar caminhos para outros, assim como muitos haviam feito por mim.

Agora, ao olhar para o futuro, sinto um misto de entusiasmo e humildade. Há ainda muitos mares a serem navegados, muitos horizontes a serem explorados. No entanto, uma coisa é certa: a nossa resistência nunca termina, e cada desafio, cada vitória, é apenas um novo começo.

2.5. A Peregrinação Acadêmica e o Mosaico da Resiliência

Na tapeçaria da minha vida, os fios dourados do mestrado em Letras surgem como um dos mais brilhantes. Cada ponto entrelaçado é uma história de desafio, superação e, acima de tudo, gratidão.

A língua portuguesa, complexa e intrincada, tornou-se uma montanha íngreme em minha trilha acadêmica. Mas, como em qualquer desafio que a vida apresenta, não estava sozinho. A cada tropeço, havia mãos estendidas, prontas para me apoiar. Mãos pertencentes a professores dedicados e especialistas em suas disciplinas que, com paciência e compreensão, mostravam-me o caminho através da densa floresta da linguística.

Meu orientador, uma bússola em minha formação acadêmica, sempre atento aos detalhes, guiava-me com sabedoria e dedicação. O título “orientador” mal faz justiça ao papel vital que ele desempenhou; ele foi mais do que um guia acadêmico, foi um mentor, alguém que reconheceu meu potencial mesmo quando eu tinha minhas dúvidas.

Refletindo sobre essa experiência, percebo que o mestrado não me proporcionou apenas conhecimento acadêmico, mas também enriqueceu minha alma. Cada lição, cada pesquisa, cada debate contribuiu para um crescimento interior profundo, um enriquecimento intelectual e espiritual.

Os companheiros, cada um deles, deixaram uma marca indelével em minha história. Os “insetos”, como carinhosamente os chamo, foram companheiros leais, suportes nas horas difíceis e coautores de muitas memórias felizes. Juntos, formamos uma colmeia de aprendizado, colaboração e apoio mútuo.

Ao olhar para trás, percebo que cada passo, cada desafio superado, não foi apenas um degrau na escada acadêmica, mas um passo em direção ao meu próprio crescimento e evolução. E assim, com o coração repleto de gratidão, celebro não apenas a conquista do mestrado, mas também a tapeçaria de relacionamentos e experiências que ele me proporcionou.

Agora, no limiar de um novo capítulo, percebo o quanto essa tapeçaria se tornou parte de quem eu sou. Ela não é apenas um testemunho das lições aprendidas, mas um reflexo de minha resiliência, determinação e da comunidade que se formou ao meu redor.

Na verdade, o mestrado foi mais do que uma formação acadêmica; foi uma peregrinação de autodescoberta. Descubri não apenas os segredos e nuances da língua portuguesa, mas também os recônditos da minha própria alma. Com cada artigo escrito e cada discussão provocativa, percebi estar não apenas construindo uma carreira, mas esculpindo meu lugar no mundo.

Não seria exagero dizer que este período moldou minha perspectiva de vida. As sombras das dúvidas e dos desafios, que outrora pareciam tão opressoras, foram dissipadas pela luz do conhecimento e do apoio inabalável de minha comunidade acadêmica. Meus professores, colegas e orientador se tornaram mais do que meros nomes em um papel ou rostos em uma sala de aula; eles são agora faróis em minha memória, iluminando os momentos mais desafiadores e recompensadores de minha vida.

Então, enquanto me preparo para o que segue, carrego comigo não apenas um diploma, mas também um baú repleto de memórias, experiências e lições. O mestrado, em sua essência, foi um convite para mergulhar profundamente em mim mesmo e no mundo ao meu redor. E, ao emergir desse mergulho, sinto-me revigorado, transformado e pronto para enfrentar os novos desafios que o futuro reserva.

Para aqueles que caminharam ao meu lado, meu eterno agradecimento. Cada um de vocês foi um fio crucial na tapeçaria que agora ostento com orgulho. E enquanto avanço, guiado pela sabedoria e experiência adquiridas, continuarei a tecer, adicionando novas cores, padrões e histórias à grandiosa obra que é a minha vida.

SECÃO III
O ESPELHO DA SALA DE AULA INDÍGENA

3.0. O Espelho da Sala de Aula Indígena

Nas profundezas dos olhares que se cruzam na sala de aula, existe uma troca muda, porém profundamente eloquente, que busca comunicar vivências, anseios e sonhos. Ao me deparar com os olhos silenciosos e, ao mesmo tempo tão repletos de narrativas de meus alunos surdos, sinto-me compelido a mergulhar mais fundo, a desvendar os traços de suas histórias que se entrelaçam com a minha própria.

Na Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio Sertanista José do Carmo Santana, os corredores reverberam histórias e canções ancestrais, e as salas de aula tornam-se espaços de convergência de mundos. Aqui, o desafio é duplo: entender a rica diversidade da cultura e identidade dos Paiter Suruí e, ao mesmo tempo, compreender as nuances e particularidades que surgem na intersecção de ser indígena com a experiência de ser surdo dentro dessa cultura.

Nesta seção, através do prisma etnobiográfico, intento me ver refletido nas experiências e trajetórias de meus alunos. Não como um mero espectador, mas como alguém que compartilha, em certa medida, dos desafios e triunfos de viver no silêncio. Ao narrar minha formação como educador surdo, busco construir pontes de empatia e compreensão, revelando os espelhamentos e ressonâncias que ocorrem quando o surdo se encontra com o indígena e vice-versa.

Assim, ao refletir sobre minha prática e identidade como professor surdo nesse contexto indígena, anseio por trazer à tona as reflexões e descobertas que emergem desse encontro, delineando um panorama que celebre a diversidade e ressalte a importância de dar voz e visibilidade a essas intersecções tão singulares.

3.1. Reflexões Etnográficas dos Surdos Paiter Surui

Ao adentrar a Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio Sertanista José do Carmo Santana, sou envolvido por um mosaico cultural riquíssimo. Ali, o canto dos pássaros, as cores vibrantes dos artefatos e o som da língua Paiter Suruí se misturam, criando uma atmosfera única. No entanto, em meio a esse cenário, há uma quietude particular que chama minha atenção: o olhar dos alunos surdos.

Olhares que contam histórias. Olhares que, embora silenciosos, falam mais alto que qualquer palavra. Cada par de olhos carrega uma narrativa, uma memória, um desejo, um desafio. Eles são como espelhos, refletindo não apenas o rosto daqueles

que os observam, mas também as paisagens ancestrais e as tradições do povo Paiter Suruí.

Enquanto educador e observador, sinto-me compelido a mergulhar nesses olhares profundos e silenciosos. Busco entender as nuances e complexidades de ser surdo em uma comunidade indígena, de viver na intersecção de duas culturas, de dois mundos que, muitas vezes, parecem tão distintos. Como esses alunos navegam pelo universo da Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio Sertanista José do Carmo Santana? Como eles se conectam com sua cultura, suas raízes, seus ancestrais?

Essas narrativas etnográficas me levam por caminhos inexplorados, em que a língua de sinais se funde com os gestos ancestrais, onde as histórias são contadas não apenas com palavras, mas também com mãos, olhares e corações. E é nesse entrelaçamento de mundos, nessa dança de sombras e luzes, que busco desvendar os retratos dos surdos Paiter Suruí.

3.2. Etnografia dos olhares surdo dos Paiter Suruí

O Paiter Suruí, conhecido também simplesmente como Suruí, vive majoritariamente na região de Rondônia, Brasil. Historicamente, eles têm enfrentado desafios significativos em relação à preservação de suas terras, culturas e direitos. Se quisermos abordar a experiência dos surdos Paiter Suruí, devemos considerar tanto a diversidade intrínseca da comunidade Suruí quanto a multiplicidade de experiências vividas por pessoas surdas.

As barreiras linguísticas podem ser ampliadas quando consideramos o contexto indígena, pois muitas comunidades indígenas transmitem seus conhecimentos e tradições oralmente. Para um membro surdo da comunidade, isso pode significar um desafio adicional em termos de acesso ao conhecimento cultural, histórico e espiritual. Além disso, a língua de sinais utilizada por surdos em contextos urbanos pode não ser a mesma que a de um surdo em uma comunidade indígena, o que pode levar à criação de sinais específicos, enriquecendo a diversidade linguística.

Em termos de pesquisa, seria fundamental considerar uma abordagem etnográfica que valorize as vozes dos próprios surdos indígenas, permitindo que suas histórias e experiências sejam contadas de maneira autêntica. Isso implica também colaborar com líderes comunitários e, possivelmente, com especialistas em língua de

sinais e educação de surdos, para garantir que as metodologias utilizadas sejam adequadas e respeitosas.

Para desenvolver um relato detalhado sobre os surdos indígenas do Paiter Suruí com uma fundamentação teórica completa, seria necessário realizar pesquisas de campo e estudos específicos com essa população, envolvendo pesquisadores e instituições especializadas, além de colaboração direta com a comunidade Suruí.

O professor surdo, assim como tantos outros indivíduos com peculiaridades culturais, vive a experiência de pertencer a uma cultura diversificada e a um grupo que, em muitos aspectos, é mal interpretado pela sociedade dominante. Em seu percurso, é possível identificar paralelos com a história e vivência do povo Paiter Suruí.

Desde sempre, foi disseminado na sociedade que os povos indígenas são homogêneos. O mesmo tipo de generalização muitas vezes se aplica a outros grupos, incluindo os surdos, sob a falsa noção de que todos são iguais em características, habilidades e vivências. Assim, assimilar o povo surdo a apenas uma forma de se comunicar ou de viver no mundo é tão simplista quanto afirmar que todos os povos indígenas vivem de caça ou em malocas. A diversidade num grupo cultural não deve ser esquecida ou diminuída. Cada povo, cada grupo, tem sua cosmologia, sua história e suas nuances.

No entanto, como nos Paiter Suruí, as agressões físicas, culturais e a ridicularização são aspectos infelizmente comuns. Como professor surdo enfrento inúmeros desafios, desde a falta de compreensão, o preconceito até as dificuldades inerentes ao sistema educacional. Mas, assim como o povo Paiter Suruí, os surdos também buscaram formas de se consolidar, resistir e prosperar, focando na preservação e reconhecimento cultural e no respeito a suas particularidades.

O hibridismo cultural, presente na experiência Paiter Suruí, também pode ser observado no cotidiano do professor surdo. A língua de sinais e a cultura surda coexistem com a cultura majoritária, levando a constantes negociações e interações. Assim como o Paiter Suruí adaptou-se à modernidade sem perder sua essência, o professor surdo equilibra sua identidade em um mundo majoritariamente ouvinte.

A imagem da moradia Paiter Suruí antes e depois do contato simboliza essa transição e adaptação. De maneira semelhante, o professor surdo navega entre dois mundos: o da comunidade surda, com sua rica história e cultura, e o da comunidade ouvinte, dominante na sociedade. Ambos os mundos trazem desafios e aprendizados, mas também oportunidades para construir pontes e promover a compreensão mútua.

Assim, na etnografia de si, eu um professor surdo resgato os ecos da história Paiter Suruí, reconhecendo a resistência, a luta, a transformação e a riqueza compartilhada por aqueles que buscam seu espaço, respeito e reconhecimento em uma sociedade diversificada e complexa.

3.3. Os Olhos Silenciosos dos Surdos Paiter Suruí

Com o olhar pesquisador das narrativas de si sob a aldeia Ĝapĝir, eu, um educador surdo, contemplava as crianças e jovens surdos que corriam e brincavam. A cada dia, mergulhava mais fundo na vida dos surdos da comunidade Paiter Suruí, buscando compreender suas histórias, origens, desejos e desafios. E, ainda que meus próprios ouvidos fossem silenciosos, meus olhos nunca estiveram mais abertos tentando identificar como é ser surdo num território indígena.

Betty Mindlin (1985), renomada antropóloga que mais estudou e escreve sobre os Paiter Suruí, uma vez escreveu em uma das suas obras que eles são seres humanos que lutaram e lutam em defesa do seu território numa relação cosmológica com a floresta amazônica, revelando suas tradições e, sobretudo, sua cosmovisão de mundo. No entanto, um retrato dos surdos dessa comunidade é algo ainda a ser explorado. Segundo Mindlin (1985), os Paiter Suruí habitam a região de Rondônia e vivem em estreita conexão com a natureza, alicerçados pela ancestralidade, tradição oral e espiritualidade ancestral.

Dentro dessa paisagem rica e multifacetada da região amazônica, seis famílias da aldeia Gapgir abrigam sujeitos surdos. São crianças e jovens entre 10 e 22 anos. Seus olhos revelam janelas da alma que demonstram desejo e ambição de comunicação e expressão, revelavam tanto as semelhanças quanto as distinções que os separavam de seus colegas ouvintes que utilizam da língua oral.

Olhos silêncios revelam que os desejos, que foram silenciados pela condição de sujeitos surdos que precisam serem reconhecidos e respeitados, não apenas como surdos, mas como indígenas surdos dos Paiter Suruí. Eles demonstram que anseiam compreender e serem compreendidos em sua língua indígena de sinais, que funde em alguns momentos, fundem com a Libras e com sinais e gestos exclusivos de sua cultura e identidade. Nota-se que a educação escolar pode ajudar a manter vivas as tradições de seu povo, mas adaptando-as às suas necessidades de construir uma educação indígena, diferenciada, intercultural, bilíngue e autônoma.

Por outro lado, como educador de Libras, noto que existe ainda alguns desafios que são evidentes. A comunicação com os anciãos indígenas, por exemplo, ainda não foi possível, porque a escola indígena ainda vive em territórios dos não indígenas, restringindo o meu contato apenas com os limites da educação escolar. A tradição oral deles, reconheço ser vital para a produção do conhecimento entre mim e eles, ainda temos essas barreiras que precisam ser rompidas. Mas nota-se que a comunidade, continua aprendendo a adaptar-se às especificidades dos seus surdos, considerando a acessibilidade em rituais, festividades e atividades cotidianas

Neste prisma, Homi Bhabha (1998), reflete no livro “O local da cultura”, que foi traduzido para o português e publicado pela Editora da UFMG, que escola pode se tornar um espaço de diálogo entre diferentes culturas, valorizando as identidades e os saberes dos povos indígenas. Bhabha (1998) nos ensina que a diferença cultural deve ser entendida como um respeito profundo pela existência e pela legitimidade do outro, e que isso implica em instaurar um espaço de negociação, ouvir o outro e se ouvir através do outro.

Ao compartilhar minhas experiências e aprendizados com estes indígenas surdos, torna-se claro que a educação indígena é uma ponte para transpor esses desafios. Somente juntos, eu e os indígenas sujeitos, com aceitação da comunidade, podemos começar a criar métodos pedagógicos de ensino da língua de sinais que respeite a cultura Paiter Suruí e incorpore os modos de ser estar desde sujeitos surdos em sua pátria mãe. Para isso, a construção de diálogos com os anciãos, é de fundamental importância para reconhecemos a língua de sinais dos Paiter Suruí sem praticar a colonização com a Libras. O envolvimento dos anciões pode oferecer sabedoria e apoio, e passamos a ter interpretações em língua indígena de sinais durante as contações de histórias e rituais da cosmologia, da cultura e identidade dos Paiter Suruí.

Os olhos silenciosos e profundos destes sujeitos surdos que são meus alunos no contexto da escola indígena, revelam um mundo de possibilidades e sonhos. E, ao mergulhar nesse universo, venho descobrindo que, para além do silêncio, há um canto vibrante, um pulsar ritmado de corações desejosos de pertencer e de serem vistos por meio de gestos, expressões de uma língua, gesto visual.

Em meio às vastas extensões da floresta amazônica no território indígena da terra indígena Sete de setembro, em Cacoal, estou atuando como um educador de Libras com um propósito singular: buscar identificar a própria língua indígena de sinais dos Paiter. Ainda que o silêncio ecoe nos ouvidos desde surdos indígenas, eles

possuem formas poderosas de comunicação expressão, que preciso compreender e me descolonizar da Libras, para compreender com ajuda das epistemologias azuis dos estudos de línguas de sinais indígenas, que vem desenvolvendo o meu orientador, professor Dr. João Carlos Gomes.

Desde criança como sujeito surdo venho observando a beleza das comunidades indígenas presentes em Rondônia, seus rituais, danças e celebrações, que sempre me chamaram a atenção. No entanto, venho percebendo também a existência de uma lacuna: a falta de compreensão e integração plena para com os que, como eles, vivenciam em silêncio entre o mundo surdo e o oralizado. O silêncio não é uma barreira para eles e para mim, mas a falta de entendimento sobre a cultura e identidade deles e a minha, pontos que ainda precisam ser conectados.

A educação escolar indígena sempre foi uma paixão pedagógica. A escola indígena para mim é um lugar de aprendizado, mas também de muitos desafios. Enquanto muitos se comunicam livremente, eles, eu e outros que utilizam a língua de sinais, buscamos maneiras alternativas de se expressar, de participar, de contribuir. O meu sentimento e os deles não é exclusão deliberada, mas de simples desconhecimento de vivermos entre dois mundos: um ouvinte e outro surdo.

Ao crescermos, a determinação de transformar essa realidade vem tomando forma em mim como educador e pesquisador de sujeitos surdos em num território indígena. Como educador da Libras, não apenas para ensinar, mas para aprender que existem outras formas de comunicação das línguas gesto visuais que precisam ser estudadas, registradas independente das convenções linguísticas. Para compreender os desafios de como educar esses alunos indígenas surdos, tenho consciência que preciso enfrentar o próprio desafio de me descolonizar para encontrar soluções didáticas e pedagógicas de como ensinar esses alunos em língua indígenas de Paiter Suruí, buscando integração plenamente da riqueza cultural da comunidade que usa o troco linguístico Tupi Mondé².

O meu sonho como educador, é que um dia a educação escolar indígena e não indígena, valorize as línguas de sinais quanto a oralidade. Uma escola em que a

² Rodrigues, A. D. (1986). Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola. Revelam que o “tronco linguístico Tupi Mondé” é um conjunto de línguas indígenas que pertencem ao tronco macro tupi, faladas por diversos povos da região amazônica e do centro-oeste do Brasil. Essas línguas se dividem em sete famílias: Arikém, Juruna, Mondé, Mundurukú, Ramaráma, Tuparí e Tupi-Guarani, além de três línguas isoladas: Aweti, Puruborá e Sateré-Mawé. O tronco Tupi Mondé é considerado um dos mais coesos da América do Sul, apesar da grande diversidade e dispersão geográfica das línguas que o compõem. Algumas das línguas mais conhecidas desse tronco são o tupi antigo, o nheengatu, o guarani e o mundurukú.

tradição se entrelaçasse com a inovação. Onde cada ritual, festividade e atividade cotidiana fosse acessível para todos, para respeitar a diversidade cultural. Por isso, acredito que ao refletir sobre os desafios destes sujeitos surdos indígenas na educação escolar indígena, possamos perceber que a verdadeira barreira não está no silêncio, mas na percepção da comunidade sobre o que significava ser surdo num mundo de ouvintes, principalmente para escrever uma língua que possui toda sua estrutura e política linguística, vinculada ao mundo oral. Venho trabalhando incansavelmente para mudar essa percepção, para mostrar que a surdez não é uma limitação, mas apenas uma diferença que trazemos conosco como uma riqueza de perspectivas e habilidades da diversidade cultural das línguas existentes no Brasil.

A cada dia, tenho a certeza de que a minha missão como educador é criar um ambiente onde todos, independentemente de suas habilidades auditivas, pudessem florescer, aprender e compartilhar conosco as diferenças sem nos colocar nas condições de subalternidade. Um lugar onde o respeito mútuo e a compreensão fossem a norma, e onde o potencial de cada aluno fosse reconhecido e nutrido com respeito e solidariedade. E assim, mesmo em silêncio, suas vozes e gestos ressoam alto, impactando a vida de inúmeros alunos e transformando as comunidades surdas, ao nosso redor. A educação intercultural, vem se tornando não apenas um meio de aprendizado, mas uma ferramenta poderosa para a mudança social e cultural de compreensão das línguas indígenas de sinais, no contexto dos estudos e pesquisas acadêmicas das epistemologias azuis.

3.4. Ecos Silenciosos da Surdez e da Identidade Indígena

A Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio Sertanista José do Carmo Santana, encravada no coração das terras dos Paiter Suruí, não é apenas um edifício. Ela se estende para além de suas paredes, mesclando-se à rotina da comunidade. Uma vida vibrante, marcada por sons, gestos, risos e silêncios carregados de significados.

Ao me deslocar pelos corredores da escola, ao olhar pela janela percebo que cada passo me aproxima mais da vida dos Paiter, que agora vivem em casas adaptadas de madeira, legados dos colonizadores que ocuparam suas terras antes da demarcação. Estas casas que eles vivem hoje, com sua estrutura linear, diferente das tradicionais malocas, são testemunhas do encontro entre duas culturas e da

resiliência indígena dos povos indígenas para sobreviver os processos de evasão dos indígenas.

Dentro dessas casas, o universo da cosmologia dos Paiter se desdobra. Quatro grupos sociais que se distinguem por seus nomes, símbolos, cores e origens míticas: Gamep, Gamir, Makor e Kaban — que se se mostram presentes, delineando relações e rituais³. A complexa rede de parentesco e matrimônio se manifesta nas tradições e nas regras de casamento, simbolizando uma conexão profunda com a ancestralidade e a continuidade da cultura e identidade dos Paiter, mesmo em meio às marcas da colonização.

Ainda não consegui entrar nas casas. Mas no meu silêncio como pesquisador, observo que eles vivem envolvidos pelo calor das fogueiras presente ao lado de uma rede, situadas agora em cantos estratégicos, mantendo viva a memória do povo. As Mulheres, são sentinelas da cultura, se movimentam pelo espaço, transmitindo com seus gestos cotidianos a essência da tradição Paiter. Bebês são passados de braço em braço, simbolizando a continuidade da linhagem e a solidariedade coletiva entre eles na relação de cuidado com a criança.

Não ouço, mas noto um “burburinho de bocas” nas casas que representam uma mistura de vozes, risos e segredos que são compartilhados e que apenas o olhar não permite que sejam captados pelos limites das minhas percepções visuais. As crianças, revelam com suas curiosidades inatas, movimentam-se entre os cômodos, trazendo e levando porções de comida, conectando cada núcleo familiar ao coletivo.

E é nesse ambiente cheio de vida que encontro os olhares intensos dos alunos surdos que às vezes vou visitar em suas casas. Olhares que, mesmo em silêncio, falam de histórias ricas e experiências únicas. Ser surdo indígena morando em casas de madeira não é apenas uma condição auditiva, mas uma vivência cultural distinta da minha de surdo não indígena e homem branco. Acabo vivenciando relações que se entrelaçam com a tradição ancestral de surdos indígenas, que carregam seus próprios desafios e perspectivas das suas culturas e identidades.

³ LIMA, E. S. Os Paiter Suruí e o Projeto Carbono Suruí: um estudo sobre as transformações socioculturais e ambientais na Terra Indígena Sete de Setembro - RO/MT. 2013. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2013. Revela que os clãs do Paiter Suruí são quatro grupos sociais que se distinguem por seus nomes, símbolos, cores e origens míticas. Eles são: Gamep (marimbondos pretos), Gábġir (Marimbondos Amarelos), Makor (Taboca) e Kaban (Marindiba) 1. Esses clãs se relacionam entre si por meio de regras de casamento, alianças políticas, rituais e trocas de bens e serviços. Cada clã tem sua própria história, tradição e identidade, mas todos se reconhecem como Paiter, que significa “gente de verdade, nós mesmos”. Os fundamentos antropológicos sobre os clãs do Paiter Suruí podem ser encontrados em diversos estudos que abordam aspectos como a organização social, a cosmologia, a territorialidade, a cultura material e a resistência desse povo.

Nesta paisagem visual que vou construindo com a minha narrativa etnográfica de educador surdo, percebo que minha etnobiografia não é apenas sobre mim, mas sobre a intersecção de duas culturas — a surda e a indígena no contexto da educação escolar indígena. E é nesta intersecção que busco compreender e expressão por meio da escrita com ajuda do meu orientador à singularidade de ser surdo no cenário cultural dos Paiter Suruí, no ambiente amazônico, que agora vivem adaptados ao legado deixado pelos colonizadores, buscando manter vivos como uma das nações e povos amazônicos.

A transformação das vidas dos Paiter Suruí, desde a chegada dos colonizadores até o reconhecimento e demarcação de suas terras, é amplamente estudada na antropologia indígena. No entanto, há nuances dentro dessa narrativa que muitas vezes são negligenciadas. Uma delas é a intersecção entre ser indígena e ser surdo indígena. Como a surdez é vivenciada em um contexto já carregado de desafios e adaptações culturais? Como a identidade indígena é moldada e reconfigurada na presença da surdez?

Em busca de resposta acadêmica, segundo Viveiros de Castro (1996), o conceito de “perspectivismo” é fundamental para entender as cosmologias indígenas. Nele, os seres veem o mundo de diferentes pontos de vista, baseados em suas respectivas naturezas. No contexto dos Paiter Suruí, como a surdez influencia essa perspectiva? São respostas que ainda buscamos e exigem uma relação mais profunda com os sabedores indígenas deste povo que ainda não conseguimos conquistar. A comunidade ainda trata os professores não indígenas que trabalham na escola indígena como diferentes e com desconfiança.

Outro autor relevante é Eduardo Galvão (1970), que se dedicou ao estudo dos povos indígenas da Amazônia, incluindo os Paiter, que pode nos ajudar com algumas pistas epistemológicas para construção do conhecimento sobre a surdez para os povos indígenas na Amazônia. Ele enfatiza a importância do parentesco e das redes de interações sociais. Neste sentido, como, então, a surdez se insere nesse intrincado sistema de relações? São questões motivadoras que podem ser realizadas por novas pesquisas para revelar outros saberes sobre a surdez em contexto indígena.

Ao explorar essa intersecção, este estudo e pesquisa busca ampliar o entendimento sobre as vidas dos surdos Paiter Suruí, acentuando a riqueza e complexidade de suas experiências como surdos indígenas. Uma possível forma de explicar que encontramos foi essa afirmação de Eduardo Galvão (1970) sobre a importância do parentesco e das redes de interações sociais entre os povos

indígenas, considerando a surdez como parte desse sistema, que nos levaram para o contexto das epistemologias azuis realizadas pelo Grupo Pesquisador em Educação Intercultural sob a liderança do professor João Carlos Gomes, as seguintes reflexões como possíveis hipóteses e reflexões acadêmicas para as futuras pesquisas:

- I. O parentesco é um dos principais elementos que organizam a vida social dos povos indígenas, ao definir as relações de afinidade, aliança, cooperação e solidariedade entre os membros de uma comunidade. O parentesco também determina as regras de casamento, herança, residência e autoridade, bem como os direitos e deveres de cada indivíduo em relação aos outros.
- II. As redes de interações sociais são as formas como os povos indígenas se relacionam entre si e com outros grupos, tanto dentro quanto fora de suas aldeias. Essas redes envolvem trocas de bens, serviços, informações, conhecimentos e afetos, que podem ser motivadas por interesses econômicos, políticos, religiosos ou culturais. As redes de interações sociais também expressam as identidades, as diferenças e as semelhanças entre os povos indígenas.
- III. A surdez é uma condição que afeta alguns indivíduos indígenas, que podem nascer surdos ou adquirir a surdez ao longo da vida. A surdez não é vista como uma deficiência ou uma doença pelos povos indígenas amazônicos, mas como uma característica que pode ser valorizada ou estigmatizada, dependendo do contexto cultural e histórico. Com isso, a surdez também pode ser interpretada como um dom ou uma missão especial, que confere aos surdos um papel diferenciado na comunidade.
- IV. A surdez se insere no sistema de parentesco e nas redes de interações sociais dos povos indígenas de diversas formas. Por um lado, os surdos indígenas podem enfrentar dificuldades de comunicação e integração com os demais membros da comunidade, especialmente se não há uma língua de sinais reconhecida e compartilhada por todos os membros da comunidade. Por outro lado, os surdos indígenas podem desenvolver estratégias de adaptação e resistência, criando laços de solidariedade e

identidade com outros surdos ou com pessoas que os apoiam e respeitam, criando sua própria língua de sinais.

- V. No prisma das línguas indígenas, temos alguns exemplos de povos indígenas que possuem línguas de sinais próprias, que foram reveladas por estudos e pesquisas acadêmicas realizado neste programa, como os próprios Paiter Suruí, sob a orientação do Professor João Carlos Gomes, e outros como os terenas, os Urubu-Ka'apor, os Kaingang, entre outros. Essas línguas indígenas de sinais são diferentes da Libras, a qual é a língua oficial dos surdos no Brasil. As línguas indígenas de sinais são influenciadas pelas línguas orais indígenas e pela cultura e identidade de cada povo. Elas também são formas de preservar e transmitir os saberes e as tradições dos povos indígenas com a criação de sinais próprios de grande relevância para os processos de ensino e aprendizagem nas escolas indígenas.

Neste cenário, constituídos pelas epistemologias azuis do Grupo Pesquisador em Educação Intercultural, podemos considerar que a cosmologia dos povos indígenas da Amazônia, incluindo os Paiter Suruí, possui uma diversidade de riqueza cultural, mas são complexas, sendo fundamentada em diversas perspectivas sobre o mundo, a natureza e o ser humano. A antropologia, por sua vez, nos ajuda a buscar compreender esses posicionamentos e interpretá-las através de uma lente ocidental, tentando assim traduzir conceitos que muitas vezes se mostram inapreensíveis para nossa lógica de não indígenas.

Para realizar uma análise “antropobiológica” sobre como a surdez se enquadra na cosmologia dos Paiter Suruí, primeiramente, precisaríamos nos embasar em estudos primários sobre a cosmologia desse povo. Para Walter Alves Neves e Hilton Pereira da Silva⁴, dois pesquisadores brasileiros que vem desenvolvendo estudos e

⁴ Os dois pesquisadores brasileiros que se dedicam ao estudo da antropologia biológica, especialmente da evolução humana e do povoamento das Américas. Eles são autores do livro *Antropologia Biológica: conceitos e métodos*, que é uma obra de referência na área. Neves é professor sênior do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (USP), onde fundou e coordena o Núcleo de Pesquisa e Divulgação em Evolução Humana. Ele foi responsável pelo estudo de “Luzia”, o esqueleto humano mais antigo das Américas, e realiza pesquisas na Jordânia e na Romênia sobre a saída dos hominínios da África e a interação entre neandertais e humanos modernos. Silva é professor adjunto do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Pará (UFPA), onde atua na área de bioantropologia e arqueologia pré-histórica. Ele também é editor-chefe da revista *Amazônica - Revista de Antropologia*, com experiência em morfologia craniana, genética de populações e paleoantropologia.

pesquisas relacionados ao conhecimento antropológico, como uma área da antropologia que se dedica ao estudo dos aspectos biológicos e genéticos do ser humano. Ele busca compreender os mecanismos de adaptação e evolução humana, bem como as características que diferenciam os grupos humanos entre si e em relação a outros primatas.

Por outro lado, Viveiros de Castro, em seus estudos sobre o perspectivismo ameríndio, nos ajuda a compreender a cosmologia dos Paiter Suruí, quando propõe que muitos povos indígenas da Amazônia veem o mundo não a partir de uma única perspectiva, mas de múltiplas, dependendo do sujeito que observa. Nessa visão, animais, espíritos e seres humanos compartilham uma humanidade comum, mas veem o mundo de maneiras diferentes, de acordo com seus corpos e habitats específicos.

A partir dessa noção cosmológica, poderíamos postular a hipótese acadêmica que os Paiter Suruí podem conceber a surdez não como uma deficiência, mas como mais uma das diversas perspectivas possíveis de se vivenciar o mundo. Desta forma, a pessoa surda, nesse contexto ou hipótese, teria sua própria maneira de se relacionar com o cosmos, talvez privilegiando outros sentidos ou formas de comunicação que é de grande relevância pesquisamos em contexto indígena.

Também é relevante considerar, do ponto de vista de antropologia, o sistema de parentesco e interações sociais dos Paiter Suruí, como sugerido por antropólogos como Eduardo Galvão. Em sociedades onde o parentesco desempenha um papel central, a maneira como uma pessoa surda é integrada à rede de relações pode refletir não apenas sua condição auditiva, mas também seu papel e posição no grupo, usando outras formas de comunicação de expressão.

Para uma análise mais aprofundada e precisa, neste ambiente de reflexões da educação de surdos indígenas, os processos próprios de ensino e a aprendizagem assumem dimensões singulares de caráter didático e pedagógico para o ensino das línguas de sinais. Como educador surdo, sinto-me muitas vezes como um eterno aprendiz, tentando decifrar os códigos culturais que me cercam, ao mesmo tempo, em que busco transmitir meu próprio conhecimento e experiência.

No entanto, esta etnografia de si revelada como estudo da minha etnobiografia, é mais do que apenas a intersecção entre ser indígena e ser surdo indígena. Revela cabalmente que existe ainda a necessidade preeminente de aprofundar nosso entendimento sobre a surdez em contexto indígena da Amazônia. É evidente que para

compreender completamente as relações entre indigenismo e surdez indígena, é preciso ir além das observações e reflexões acadêmicas.

Para uma análise mais aprofundada e precisa, torna-se imperativo que novos estudos específicos de linguística aplicada não cartesianos sobre os Paiter Suruí sejam realizados. A perspectiva ideal seria uma pesquisa conduzida pelos próprios surdos indígenas, para podermos compreender diretamente deles como a surdez é percebida e vivenciada em sua rica e multifacetada cosmologia. É uma caminhada acadêmica que pode revelar novas descobertas que prometem não apenas enriquecer o campo acadêmico de estudo das línguas indígenas de sinais, mas também fortalecer os laços de compreensão mútua entre diferentes culturas e realidades em contexto de relações interculturais.

SEÇÃO IV
ENSINANDO E APRENDENDO SINAIS ENTRE CANTOS ANCESTRAIS

4.0. Na Confluência de Sinais e Cantos Ancestrais

Desde minha mais tenra memória, o desejo de conectar mundos distintos sempre foi uma vontade florescida em meu peito. Surdo em um mundo audível, sempre estive à margem das conversações convencionais, buscando maneiras de construir pontes entre o silêncio e o som para o que estão dizendo. Quando me vi diante da opulenta floresta amazônica, com sua cacofonia de cores, aromas e imagens, soube que havia chegado a um novo capítulo dessa incessante busca em minha vida.

Rondônia, com sua vibrante pluralidade de culturas e povos, tornou-se meu novo lar há tempo, uma terra onde cada árvore, rio e pedra tem uma narrativa para contar. Aqui, o pulsar do coração da Terra se entrelaça com os ritmos ancestrais dos Paiter Suruí, que, com sua sabedoria e tradição, têm desafiado o tempo e a modernidade para sobreviver as constantes ameaças de evasão do seu território ancestral.

A minha trajetória como educador surdo da Libras há tempo vem assumindo novos pensamentos pedagógicos do ensino de uma língua gesto visual. Com a conquista do mestrado em letras não sou mais educador que pretende apenas ensinar a língua de sinais em sua forma tradicional, mas sobre adaptá-la, moldá-la e fundi-la com as relações interculturais neste universo linguístico e cultural dos Paiter Suruí. Este não é um desafio trivial; agora passou a ser um profundo mergulho na interseção de mundos, na construção de diálogos entre o passado e o presente, a tradição e a inovação das línguas de sinais que vivem em permanente estado de construção de desconstrução. Não tem mais o certo ou errado no uso da língua, porque temos uma língua em permanente estado de construção.

Ao observar os rituais e visualizar os movimentos dos corpos com os cantos dos Paiter Suruí, percebo que cada movimento da linguagem corporal carrega uma profundidade de significado e narrativas ancestrais. Minha tarefa como educador da língua de sinais, então, tornou-se entender esses significados, decifrar essas narrativas e integrá-las à língua indígena de sinais com seus parâmetros e configurações.

O resultado é o registro e documentação dos conhecimentos da cultura e identidade dos Paiter Suruí presentes na Língua indígena de Sinais (ETNOLIS). Uma língua nascida da confluência do português, do tupi monde e dos gestos próprios criados naturalmente pelos indígenas surdos e seus familiares como estratégia de

comunicação e expressão. A ETNOLIS não é apenas uma forma de comunicação; ela é um testemunho do que é possível quando se busca genuinamente entender e respeitar culturas distintas com o uso de uma língua gesto visual que os cartesianos ousam em chama de mímicas ou sinais caseiros.

As casas de madeira e os rituais diários dos Paiter Suruí tornaram-se meu laboratório e minha sala de aula. Neles, a ETNOLIS está sendo descoberta e testada, adaptada e refinada. Cada dia vivo novos aprendizados e desafios, desde a compreensão dos intrincados sistemas de parentesco até a incorporação de conceitos ancestrais nos sinais próprios criados no contexto da língua indígena de sinais.

Por meio desta seção de relato etnográfico desta dissertação de mestrado, busco compartilhar não apenas as minhas reflexões pedagógicas como educador, mas também refletir os significados da cultura e identidade que venho descobrindo. Esta é uma narrativa da etnografia de si e da etnobiografia de encontro e fusão, de respeito mútuo e de celebração da diversidade cultura na linha de pesquisa de estudo de diversidade cultural, no mestrado acadêmico em letras da Universidade Federal de Rondônia.

Ao narrar estas etnografias, não estou apenas documentando um capítulo de minha vida acadêmica. Estou partilhando uma parte intrínseca dos meus estudos das epistemologias azuis, com a alma e janela do coração abertas para um mundo onde sinais e cantos ancestrais se encontram e dançam juntos, celebrando a maravilhosa diversidade da existência humana.

4.1. O Diálogo Entre Libras e Os Sinais de Oyewea

Minha caminhada enquanto educador surdo já me levou por muitos corredores e salas de aula, mas nada poderia me preparar para a experiência transformadora de ensinar um jovem surdo Paiter Suruí, Oyewea. O cenário da floresta amazônica, com sua melodia de sons e silêncios, envolveu-me em uma atmosfera singular de aprendizagem, onde não só eu era o professor, mas também um eterno aprendiz.

O primeiro encontro com Oyewea foi repleto de ansiedade e expectativa. Com seus olhos brilhantes e cheios de curiosidade, ele esperava aprender, mas o que ele não sabia era o quanto me ensinaria. Iniciamos com um simples cumprimento, um "Olá" universal que se traduzia em gestos familiares em Libras. Mas com Oyewea, cada sinal ganhava novas camadas de significado.

Empregando o “Alfabeto Ilustrado em Libras”, guiava Oyewea na construção de seu conhecimento alfabético. Ver sua empolgação ao montar o alfabeto e, posteriormente, escrever palavras associadas no caderno, era uma confirmação do nosso progresso. Mas, a cada etapa, algo intrigante se revelava. Oyewea trazia consigo sinais que, embora não fossem familiares para mim, carregavam um significado profundo para ele, oriundos de sua comunidade e família.

A prática pedagógica evoluía, com ditados e atividades que reforçavam seu aprendizado. No entanto, quando usávamos o jogo “alfabeto ilustrado em Libras” pela segunda vez, a autonomia de Oyewea impressionava. Ele não só montava o jogo com facilidade, mas também interagia comigo, compartilhando os sinais de sua comunidade. Suas mãos, rápidas e precisas, desenhavam no ar histórias, culturas e tradições, enquanto eu, por minha vez, tentava acompanhar e entender esse universo linguístico em expansão.

As atividades que propus, desde a tradução datilológica até o reconhecimento de sílabas, foram realizadas com entusiasmo e curiosidade. Mas, a cada sinal ensinado em Libras, Oyewea respondia com um gesto de sua própria criação, fazendo-me perceber que, por trás dos meus ensinamentos, havia um universo de sinais nativos esperando para serem explorados.

Finalmente, ao trabalharmos com o WORDWALL⁵, cada palavra estudada em Libras era acompanhada por desenhos e sinais que Oyewea trazia de sua cultura. Suas interpretações enriqueciam o aprendizado e me faziam refletir sobre a riqueza da comunicação humana e a diversidade das línguas de sinais.

No dia seguinte, ao amanhecer na floresta amazônica, trouxe consigo a promessa de um novo dia de aprendizado. O vibrar da natureza ao redor parecia acenar para as novas lições que estavam por vir. Naquela manhã, eu, estava preparado para introduzir Oyewea ao mundo fascinante dos números em Libras.

Ao lado do quadro, com gestos firmes e claros, comecei a mapear os números de 0 a 16. Cada sinal, cuidadosamente escolhido e apresentado, visava criar uma ponte entre o mundo numérico e a experiência vivencial de Oyewea. Para consolidar o aprendizado, pedi que ele recriasse em seu caderno o que havia acabado de

⁵ WORDWALL é uma plataforma online que permite criar atividades educativas personalizadas usando poucas palavras, como jogos, questionários e enquetes. WORDWALL é muito usado para o ensino e aprendizagem de idiomas, inclusive a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Podemos encontrar vários exemplos de atividades de Libras na comunidade WORDWALL ou criar as próprias usando os modelos e designs disponíveis. WORDWALL também permite compartilhar as atividades com os alunos ou outros professores, e imprimir as atividades para usar em sala de aula ou em casa. WORDWALL é uma ferramenta divertida e interativa que pode potencializar suas aulas de Libras.

visualizar. Observá-lo traçar cada número com precisão e atenção me fez perceber o quanto ele aprendia com rapidez.

A tecnologia, uma ferramenta poderosa na educação de surdos, foi nossa próxima aliada. Em frente ao computador, apresentei a Oyewea o jogo “Memória em Libras sobre Números”. Seus olhos se iluminaram com a interatividade do jogo, e sua empolgação ficou evidente conforme avançávamos na atividade “Encontre o número”. O desafio de combinar os números com seus respectivos sinais em Libras fazia Oyewea ponderar e refletir, e a cada acerto, um sorriso de satisfação aparecia em seu rosto.

À medida que o sol se levantava acima da floresta, as folhas das árvores se agitavam ao som dos pássaros despertando. Na escola indígena eu ensinava munido de materiais didáticos e com metodologias ocidentais, não estava determinado a introduzir a matemática como a conhecia aos jovens Paiter Suruí.

Desde cedo em minha carreira docente, foi instruído nas técnicas e abordagens pedagógicas tradicionais da educação escolar. Ensinava números, geometria, álgebra e suas aplicações de uma maneira que fazia sentido para mim, uma forma que havia aprendido e internalizado ao longo de minha formação na educação de surdos. Meu quadro branco sempre esteve repleto de fórmulas e figuras, refletindo um universo matemático rígido e bem definido pela lógica ocidental.

No entanto, meu orientador do mestrado, logo buscou demonstrar que algo do meu processo de ensino aos surdos indígenas estava deslocado do pensamento indígena. Os alunos, apesar de atenciosos, frequentemente apresentavam uma expressão confusa ou distante para mim. Mas como sempre fui comprometido, atribuí a isso à complexidade da matéria ou à barreira linguística que existia entre nós. Contudo, a realidade era mais profunda do que podia imaginar como educador.

Com as novas descobertas, venho sentindo necessidade de mudar minhas abordagens pedagógicas. Em vez de ensinar apenas a matemática ocidental, venho refletindo que estou aprendendo no mestrado e com os alunos, que preciso explorar e integrar os conceitos de etnomatemática⁶ nos processos de ensino e aprendizagem

⁶ Segundo Ubiratan D’Ambrosio (2016), a etnomatemática é a arte ou técnica de explicar, de entender, de se desempenhar na realidade dentro de um contexto cultural próprio. A etnomatemática reconhece que os saberes matemáticos são diversos e dependem das práticas culturais de cada povo. No contexto da educação escolar indígena, a etnomatemática busca valorizar os conhecimentos matemáticos tradicionais dos povos indígenas, bem como possibilitar o acesso à matemática institucional, de forma crítica e emancipatória. A etnomatemática contribui para o fortalecimento da identidade cultural dos povos indígenas e para o respeito à diversidade étnica e linguística.

da minha pedagogia. As aulas se precisam tornar um intercâmbio de ideias, onde o conhecimento ocidental se entrelaça com as tradições indígenas, criando uma diversidade de aprendizado.

Outro fato importante foi a necessidade que senti de mergulhar no universo do Alfabeto Datilológico⁷, considerando que ainda pensava apenas em Libras, não tinha nenhum conhecimento que ele poderia possuir sinais próprios na sua própria língua. Começamos com uma atividade de tradução, onde Oyewea deveria decifrar as palavras apresentadas em datilologia. O brilho em seus olhos indicava que ele estava pronto para o desafio. Em seguida, introduzi uma atividade lúdica: um caça-palavras com nomes de animais. Enquanto Oyewea buscava as palavras, podia-se sentir sua conexão com cada animal, trazendo suas próprias experiências da floresta para a sala de aula.

Finalmente, chegamos à atividade pedagógica de ligar as figuras dos animais à sua representação datilológica. Aqui, Oyewea demonstrou uma profunda compreensão da linguagem, fazendo ligações rápidas e precisas. Encerramos com um exercício sobre sílabas, onde ele não só contou o número de sílabas em cada palavra, mas também transcreveu os números em seu caderno. Ao final daquele dia, enquanto refletia sobre a formação de aprendizado compartilhada com Oyewea, percebi que não era apenas sobre números ou palavras. Era sobre construir pontes entre culturas, sobre descobrir e celebrar as singularidades de cada aluno e sobre a magia do processo educacional.

Em meio à floresta amazônica, com Oyewea ao meu lado, senti que estava exatamente onde deveria estar: o educador que ensinava e aprendia. Olhando para trás, percebo que a etnografia de si é uma caminhada pedagógica de descoberta, em que os sinais que ensino e aqueles que aprendo se entrelaçam, criando um universo linguístico único e profundo. E, neste processo, Oyewea não foi apenas meu aluno, mas um mestre que me mostrou a complexidade e beleza das línguas de sinais indígenas.

⁷ O alfabeto datilológico, também conhecido como alfabeto manual, é um sistema de representação das letras dos alfabetos das línguas orais escritas por meio das mãos. Ele é utilizado para soletrar palavras ao surdo, quando a palavra não possui sinal representativo. O alfabeto datilológico é composto por 27 configurações diferentes de uma das mãos, cada uma correspondendo a uma letra do alfabeto do português escrito, incluindo o “Ç”. O alfabeto datilológico faz parte da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e serve de ponte entre a língua gestual e a língua oral que a rodeia. A origem do alfabeto datilológico é espanhola, provavelmente das comunidades de judeus convertidos do início do século XVI.

4.2. Ensino e Aprendizagem com Pabaker

Sob o céu da escola indígena, enquanto o canto dos pássaros amazônicos ressoava, um encontro singular estava prestes a acontecer. Eu, um professor surdo, com meus recursos visuais e gestuais, estava ansioso para mergulhar no desafio de ensinar a língua brasileira de sinais a jovens Paiter Suruí, especificamente a uma jovem aluna chamada Pabaker.

A sala estava repleta de ansiedade e expectativa. Pabaker, com seus olhos expressivos e atentos, observava-me curiosamente. Começamos com um acolhedor diálogo de boas-vindas, nossas mãos dançando em sincronia, transmitindo sentimentos e ideias. Pude perceber seu entusiasmo e curiosidade ao se comunicar de uma maneira tão diferente usando a língua gesto visual.

No entanto, à medida que avançávamos, os desafios começaram a surgir. Introduzi o jogo “Encaixe as letras do Alfabeto em Libras”, uma atividade projetada para familiarizar os alunos com os sinais correspondentes às letras do alfabeto. Pabaker, com sua característica determinação, montou o alfabeto e, com minha ajuda, começou a registrar em seu caderno as palavras representadas.

Ao explorar o alfabeto datilológico, percebi uma certa dificuldade de Pabaker. Ela hesitava, suas mãos se movendo incertas, e frequentemente olhava para mim em busca de orientação. Era claro que a atividade estava desafiando-a de maneiras que eu não havia previsto.

As atividades subsequentes, incluindo a reflexão “Quem é você?”, revelaram mais sobre os processos de aprendizagem de Pabaker. Esperava-se que ela usasse o alfabeto para soletrar seu nome e registrar sua resposta no caderno. No entanto, notei que Pabaker frequentemente se apoiava em mim para fornecer respostas, copiando-as em vez de produzi-las por conta própria. Era como se ela estivesse em contato com outra língua de sinais de que era minha e não dela.

Afinal, logo percebi que ensinar não é apenas sobre transmitir conhecimento, mas também sobre compreender e se adaptar às necessidades individuais de cada aluno. Pabaker me ensinou que cada aluno tem seu próprio ritmo e maneira de aprender. Mesmo que ela enfrentasse obstáculos, sua persistência e a interação que compartilhamos durante aquelas aulas moldaram uma experiência de aprendizado que, para mim, ressaltou a importância da empatia, paciência e flexibilidade no processo educacional. Mas hoje sinto que na realidade estava colonizando uma aluna indígena com a Libras, porque desconhecia sua própria língua de sinais.

Ao refletir sobre nosso tempo juntos, entendi que a formação linguística de Pabaker não era apenas sobre aprender a língua brasileira de sinais, mas também sobre encontrar sua própria forma de comunicação e expressão nas línguas gestos visuais usando linguagens relacionadas a sua cultura e identidade. E eu, como educador, estava lá para guiá-la, aprender com ela e celebrar cada pequeno avanço em nossas reflexões conjuntas de ensino e aprendizagem.

Desde que comecei a ensinar a Pabaker, logo percebi estar diante de um desafio pedagógico complexo que me faltava conhecimento. O universo da educação escolar indígena é vasto e intrincado, enraizado na rica diversidade cultural, histórica e linguística dos povos originários do Brasil. A experiência com Pabaker, contudo, me mostrou a multiplicidade de camadas que se sobrepõem quando tratamos de educação intercultural para alunos surdos indígenas.

Nos primeiros momentos das nossas interações pedagógicas entre professor e aluna, fui confrontado com que a aprendizagem de Pabaker não poderia ser apenas sobre a Libras. Ela trazia consigo uma bagagem cultural que, ao mesmo tempo que a distinguiu, também a tornava única em sua formação educacional. Em nossos encontros pedagógicos de aprendizagem da língua de sinais, percebi que era essencial reconhecer e valorizar suas raízes culturais. Isso me fez recordar Oliveira e Freitas (2006) que mencionam que a “educação escolar indígena pressupõe uma pedagogia que valoriza o conhecimento tradicional, as línguas maternas e as especificidades dos povos indígenas”.

No entanto, durante nossos encontros pedagógicos, também notei uma dependência acentuada de Pabaker em relação a mim. Seu pedido constante de auxílio não era apenas um sinal de dificuldade, mas também refletia que a língua que estava ensinando não fazia parte do contexto dela. É a metodologia que estava usando precisava alcançar à sua realidade. Neste contexto, eu era confrontado com um dilema pedagógico. Como poderia integrar a rica cultura e identidade Paiteer Suruí, as necessidades específicas de um aluno surdo e as demandas acadêmicas de um sistema educacional ocidentalizado?

Refletindo com base nos pressupostos teóricos de Grupioni (2001), comecei a entender que o que estava diante de mim não era apenas um desafio pedagógico, mas um chamado para repensar a educação escolar indígena desde sua base. “A educação escolar indígena deve ser pensada como um processo de construção que dialoga com as culturas locais e valoriza o protagonismo dos povos indígenas”, ele escreveu. Essa reflexão trouxe a clareza de que Pabaker não precisava apenas

aprender a se comunicar em Libras, mas também precisava de um espaço onde pudesse expressar e integrar sua identidade cultural no processo de ensino e aprendizagem.

Ao Mergulhar nos obstáculos que Pabaker que me apresentava, reforçou em mim a crença de que a educação escolar indígena vai além do território da escola e das páginas dos livros. É sobre construir pontes, reconhecer singularidades e tecer conexões entre mundos distintos, diferentes e complexos. E, enquanto professor surdo, eu senti, mais do que nunca, a importância de descolonizar o meu conhecimento para se torna um facilitador nesse processo, promovendo um diálogo contínuo entre tradição, inclusão e inovação pedagógica.

Entretanto, os desafios de Pabaker em seu processo educacional destacam a necessidade que temos de repensar práticas pedagógicas para alunos indígenas surdos. A dependência da aluna em relação a mim como educador, evidenciada pelo constante auxílio solicitado, reflete a urgência de métodos mais adaptados à sua realidade. Segundo Meliá (1999) é fundamental promover uma formação docente com os professores que atuam na educação escolar indígena para lidarem com a pluralidade cultural e linguística presentes.

Em suma, a relação de ensino e aprendizagem de Pabaker ilustra a complexidade e riqueza da educação escolar indígena no Brasil. Nos levando a reconhecer e valorizar as especificidades dos alunos, bem como promover uma educação intercultural que seja de fato bilíngue, autônoma e que possamos reconhecer os processos próprios de ensino e aprendizagem, como os desafios colocados no horizonte educacional brasileiro.

4.3. Relato Etnográfico de Ensino com Mapilacobar

Em cada amanhecer na comunidade Paiter Suruí, sinto um renovado entusiasmo ao entrar na sala de aula para encontrar os alunos surdos. Quero refletir um pouco sobre os processos de ensino e aprendizagem em língua de sinais com Mapilacobar, uma jovem indígena surda cuja energia e vontade de aprender me inspiram diariamente. Ao abordar o ensino da Libras, busco equilibrar as demandas pedagógicas e a rica herança cultural que ela traz consigo.

Em um de nossos encontros pedagógicos, decidimos visitar o alfabeto datilológico, uma ferramenta que julgamos fundamental para a nossa comunicação em Libras no pensamento tradicional da educação de surdos. Lembrando que essas

narrativas se tratam dos momentos que ainda não havia ganhado os olhares pós-crítico para educação de surdos. Após um diálogo em Libras, propus atividades que focavam em habilidades específicas. Pedi para ela encontrar frases, identificar e colorir frutas, e treinamos o contexto de cada palavra. Embora fosse uma revisão de conteúdo ministrado, essa abordagem diversificada serve para solidificar o conhecimento e identificar áreas que precisavam de mais atenção da minha parte.

No dia seguinte, nossa ênfase se voltou para o mundo animado das cores e animais. Desenvolvi atividades que desafiavam Mapilacobar a associar imagens de animais a suas respectivas nomenclaturas em Libras, identificar cores e pintar palavras com cores variadas. Ao conectar a linguagem visual da Libras com a experiência cotidiana, esperava tornar o aprendizado mais tangível e envolvente.

Nessa construção das minhas relações pedagógicas de aprendizado com ela teve seus altos e baixos. Durante o exercício com o “Alfabeto em Libras”, notei que Mapilacobar enfrentava desafios ao tentar organizar as letras em sua ordem alfabética. Esses momentos, embora desafiadores, proporcionam oportunidades de reflexão e ajuste em nossa abordagem pedagógica. Seguimos com o jogo didático “Solettrar”, onde ela demonstrou habilidade ao soletrar palavras, embora algumas tenham sido mais desafiadoras do que outras.

Como professor surdo, estou constantemente aprendendo e adaptando. Cada dia com Mapilacobar é uma nova lição sobre as nuances da interculturalidade, a beleza da Libras e a essência do ensino individualizado. Enquanto ela explora a língua de sinais, eu me aprofundo no universo Paiter Suruí, uma troca que tem enriquecido nossa experiência educacional.

Ao refletir sobre nossas sessões, percebo que os desafios são tão importantes quanto as conquistas. Eles moldam nossa abordagem, fortalecem nosso vínculo e nos impulsionam a buscar estratégias mais eficazes. Mapilacobar, com sua resiliência e determinação, tem sido a fonte de minha inspiração, lembrando-me diariamente do impacto e da responsabilidade que carrego como educador.

Ao observar o progresso de Mapilacobar, fica evidente que o ensino e aprendizagem é repleta de desafios, mas também de momentos de grande realização. Em atividades como o “Alfabeto em Libras” e o jogo didático “Solettrar”, ela enfrentou barreiras para entender e aplicar corretamente o alfabeto datilológico e o soletrar de palavras. No entanto, seu engajamento e acertos em outras atividades demonstram a potencialidade de seu desenvolvimento.

Shirley Vilhalva e João Carlos Gomes (2010), em seus estudos sobre as línguas indígenas de sinais, realçam a importância de reconhecer as especificidades culturais e linguísticas dos povos indígenas quando se trata de ensinar uma língua padrão, como a Libras. Isso sugere que os obstáculos enfrentados por Mapilacobar podem estar relacionados à complexa interseção de sua cultura indígena com a aprendizagem da Libras.

A dificuldade em organizar as letras do alfabeto e soletrar pode ser um indicativo de que a estrutura da Libras, uma língua visual-espacial, pode apresentar desafios para alunos com uma percepção linguística profundamente enraizada em sua cultura indígena. Gomes & Vilhalva (2021) ressaltam que os povos indígenas possuem sistemas de comunicação complexos e plurais que são variados, que atendem às necessidades específicas de suas comunidades. Assim, a abordagem pedagógica pode necessitar de uma adaptação que considere essas particularidades.

No caso de Mapilacobar, percebe-se que ela conseguiu acertar palavras mais simples e comuns, enquanto palavras mais complexas ou menos familiares apresentaram mais desafios. Isso poderia ser abordado, como sugere Gomes & Vilhalva (2021), incorporando elementos da cultura indígena de Mapilacobar no ensino, tornando o aprendizado mais contextualizado e significativo. Desta forma, esses autores nos levam a compreender que línguas indígenas de sinais (ETNOLIS) estão presentes numa realidade linguística a ser explorada ainda.

Neste cenário, podemos considerar que a experiência de Mapilacobar nos convida a refletir sobre a importância de uma pedagogia intercultural para o ensino em línguas de sinais em contextos indígenas, que valorize e integre as tradições linguísticas e culturais dos alunos indígenas. Reconhecendo e abordando essas nuances, podemos criar um ambiente de aprendizagem que promova de fato a construção de relações interculturais.

4.4. A Língua Indígena de Sinais Paiter Suruí

Nas minhas experiências com os processos próprios de ensino e aprendizagem dos surdos indígenas Paiter Suruí com língua de sinais, entrei nas escolas com o coração aberto, mas com uma bagagem de experiências e práticas consolidadas de ensino da língua em contextos urbanos. Estava pronto para ensinar a Libras e me aprofundar nas nuances do aprendizado dos meus alunos surdos, descobri que havia outra língua de sinais que estava silenciada.

No entanto, logo nas primeiras aulas, algo me chamou a atenção. Mesmo após minhas cuidadosas explicações em Libras e após minhas tentativas de se conectar com eles por meio da linguagem gestual que eu conhecia, percebi uma sutil resistência e, ao mesmo tempo, uma inusitada fluidez na comunicação entre eles em outra língua de sinais. Era algo diferente, uma forma gestual que eu não estava familiarizado e não havia presenciado os sinais em Libras.

A curiosidade cresceu em mim, e comecei a observar mais atentamente, tentando entender esse fenômeno. Logo comecei a perceber que havia gestos, sinais e expressões que pareciam exclusivos da comunidade. Esses sinais não faziam parte do repertório padrão de configuração da Libras que eu havia aprendido e ensinado ao longo dos anos.

Intrigado, comecei observar em conversas com os surdos indígenas que foram me apresentando sinais diferentes da Libras. Eles aos poucos foram me revelando outra diversidade linguística que tinha tudo a ver com a cultura e identidade deles como indígenas do povo Paiter Suruí. Além da língua Tupi Monde, eles possuíam uma variedade de sinais que desenvolveram organicamente, atendendo às necessidades de comunicação e expressão específicas da comunidade e no contexto familiar.

Fiquei fascinado ao descobrir que muitos desses sinais indígenas de que eles foram me revelando são observações da natureza, da vida cotidiana na floresta e dos relatos ancestrais da cultura e identidade deles. Ao mesmo tempo, senti uma estranha sensação de inadequação. Minha abordagem inicial, embora bem-intencionada, ignorou uma parte vital da identidade linguística dos meus alunos.

Determinei-me a aprender e integrar esses sinais indígenas Paiter Suruí em minha prática pedagógica. E a minha relação com os alunos foram se transformando de quem ensina para quem aprende. Meus alunos, inicialmente, tornaram-se meus guias, ajudando-me a entender e valorizar uma linguagem gestual que precisa ser registrada e documentado antes que a Libras exerça um papel de colonização dos sinais próprios criados por eles.

Ao longo do tempo, integrei essa nova compreensão em minhas aulas. Embora a Libras ainda fosse uma ferramenta essencial, comecei a valorizar e celebrar os sinais indígenas em nossas interações. Isso não apenas enriqueceu nosso processo de aprendizado, mas também fortaleceu os laços de confiança e respeito mútuo.

Refletindo sobre essas minhas experiências, percebo que ser um educador é estar em constante aprendizado. Em território Paiter Suruí, aprendi que ensinar é, acima de tudo, escutar e aprender com aqueles que chamamos de alunos. A

verdadeira educação floresce quando reconhecemos e honramos as linguagens, culturas e histórias que cada aluno traz consigo.

Neste cenário, meu orientador, Professor João Carlos Gomes, me apresentou o artigo de Gomes e Vilhalva (2023) intitulada "As Epistemologias das Línguas Indígenas de Sinais", que me deixou atraído para os debates complexos em torno da identidade linguística dos povos indígenas surdos no contexto amazônico. E, como professor surdo, fui impulsionado a refletir sobre as complexidades das políticas linguísticas que permeiam a educação indígena e surda no Brasil.

Na obra eles revelam que nas trilhas da Amazônia, as comunidades indígenas têm em sua língua materna como a principal recurso didático e pedagógico de ensino e transmissão de conhecimentos ancestrais. Nesta perspectiva, ele revela que o Decreto 5626/2005, que estabelece a Libras como primeira língua dos surdos, com o português escrito como a segunda, estão em dissonância quando nos deparamos com as escolas indígenas: a língua materna é ensinada como principal, e a língua portuguesa torna-se uma língua estrangeira.

Imerso nesse panorama, comecei a entender que como educador de escola indígena, estava diante de um desafio inédito: registrar e documentar línguas de indígenas de sinais, características do povo suruí. É um chamado à descolonização do ensino, uma ruptura com modelos preestabelecidos da presença da língua brasileira de sinais em territórios indígenas.

Ao observar e interagir com as comunidades de indígenas surdas Paiter, tornou-se evidente para mim que seus métodos de comunicação expressão que estamos usando, estão situados em um campo híbrido da linguística aplicada, influenciando tanto pela cultura surda quanto pelos legados de diversos grupos que compõem a rica tapeçaria cultural brasileira de constituição da Libras.

As falhas nas políticas públicas de uso das línguas de sinais nos territórios indígenas, no entanto, levavam essas comunidades a criarem seus próprios métodos pedagógicos. Desde os anos 80, a educação bilíngue para surdos tem sido valorizada, colocando a Língua de Sinais em primeiro plano. Contudo, neste cenário amazônico, tal modalidade precisava ser repensada. É vital a existência de uma educação trilingue: língua indígena, português e língua indígena de sinais.

4.5. A Língua Indígena de Sinais dos Paiter Suruí

Somente participando do Grupo Pesquisador em Educação Intercultural (GPEI) da Universidade Federal de Rondônia, consegui compreender por meio dos estudos e pesquisas de Gomes e Vilhalva (2023) a necessidade de realizar mapeamentos, documentação e registros das línguas indígenas de sinais, vislumbrando uma sensibilização à diversidade e à diferença presente no contexto amazônico. Fascinado pelo desafio de entender as epistemologias azuis por trás das línguas indígena de sinais dos surdos Paiter Suruí, consegui identificar alguns sinais como o resultado deste meu estudo e pesquisa na linha de estudos da diversidade cultural no Programa de mestrado acadêmico em letras da Universidade Federal de Rondônia.

Figura 1



Fonte: organizado pelo pesquisador.

No Brasil, identificamos que a palavra “ARARA” evoca imediatamente imagens de aves esplêndidas com cores vibrantes e um bico imponente. Porém, para os Paiter Suruí, essa ave é conhecida como “KASAR”. A descrição na língua Paiter Suruí, que evoca imagens de penas flutuantes e cores resplandecentes, sugere uma visão particular sobre o animal, profundamente enraizada em sua cultura. Todavia, ao observar a comunicação entre os meus alunos surdos, percebi uma particularidade que me chamou atenção: como sinalizavam para “arara”. O sinal para esta ave é

realizado com a mão em uma configuração específica, simbolizando as penas da arara. E o sinal não é estático, existe um movimento das mãos representando o balançar das penas da arara, como se estivesse sentindo a brisa do alto das árvores.

Enquanto mergulhava nessa cultura visual e tátil, me foi apresentado ao sinal para “papagaio”. Em contraste com o sinal dinâmico da arara, o sinal para papagaio é marcado pela ausência de movimento. A orientação das palmas das mãos voltadas para baixo, com ambas as mãos posicionadas em um ponto específico, torna o sinal distintivo. O mais intrigante foi perceber que, embora fossem semelhantes na Língua Portuguesa, os sinais de “arara” e “papagaio” são tão diferentes quanto seus significados culturais para os Paiter Suruí.

Figura 2



Fonte: organizado pelo pesquisador.

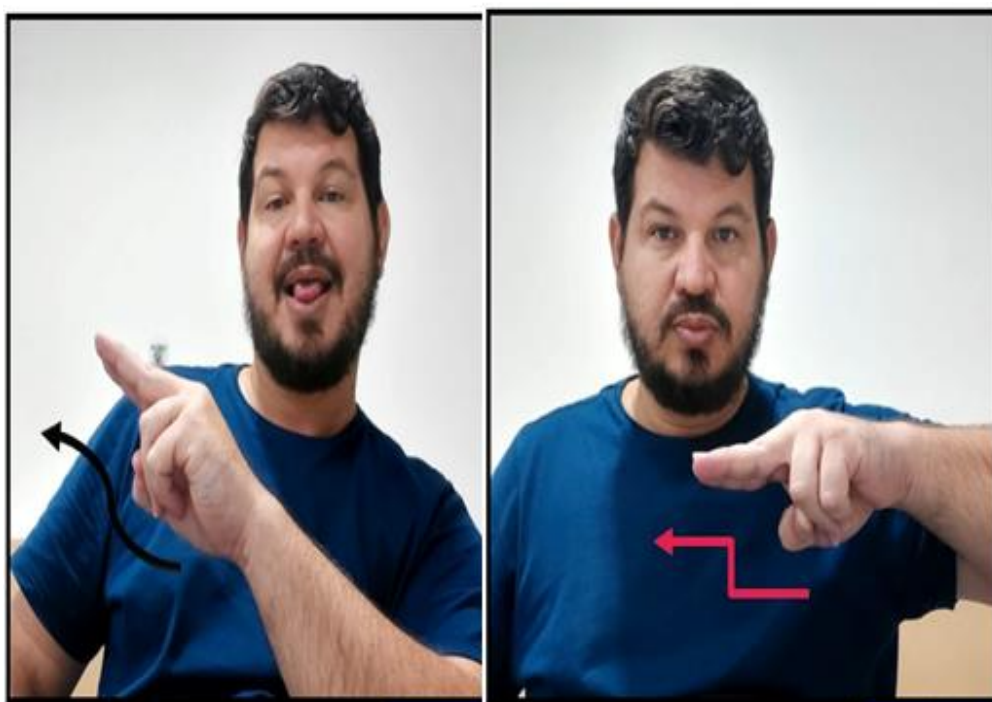
Neste cenário, o calor úmido da floresta amazônica, com sua sinfonia de sons naturais, como professor surdo, sempre estive em busca de conhecer mais sobre as diferentes línguas de sinais que são tão ricas e diversificadas quanto as línguas faladas. Neste sentido, meus alunos apresentaram para mim o sinal de PORCO, que foi um desafio para eu entender o sinal para “porco”.

Na Língua Portuguesa, quando se fala “porco”, a mente imediatamente traça uma imagem de um animal robusto, de pelo áspero, com focinho destacado e presas proeminentes. No entanto, para os Paiter Suruí, esse animal é referido como “Mêbe”. A descrição na língua Paiter Suruí nos evoca um sentimento mais profundo e

intrínseco sobre o animal, entrelaçado com a cultura e tradição de um povo. Observando a comunicação entre os alunos surdos, notei o sinal para “Mêbe”, possui uma representação visual tão rica quanto a descrição oral. A mão simbolizava o focinho distintivo do porco, com ênfase no disco cartilaginoso frontal. O movimento das mãos e a expressão facial dos sinalizadores capturam a robustez do animal e sua natureza um tanto imponente.

Ao sinalizar “Mêbe”, pude sentir a importância do porco na cultura Paiter Suruí. Não era apenas um animal, mas um ser integrado à vida da comunidade, à sua economia, tradições e rituais. Senti a profundidade cultural do sinal, que estava enraizado em gerações de interações entre os Paiter Suruí e esse mamífero. Esta experiência etnográfica trouxe à tona a complexidade presente nas línguas indígenas de sinais. A cada sinal, uma história; a cada movimento, uma tradição. Como professor surdo, fiquei maravilhado com essa descoberta e aprendizado. Os sinais, como o de “Mêbe”, não são meras representações de palavras, mas sim refletem a vida, a cultura e a identidade de um povo.

Figura 3



Fonte: organizado pelo pesquisador.

A configuração de outro sinal que chamou a minha atenção foi de um animal emblemático no imaginário dos povos indígenas e amazônicos: a cobra. Na Língua Portuguesa, “cobra” evoca imagens de um réptil escamado, sinuoso e de olhos

penetrantes. Uma criatura que se move silenciosamente e que pode tanto fascinar quanto amedrontar. Na língua indígena de sinais dos Paiter Suruí, esse animal é designado como “soboh”. A descrição em Paiter Suruí revela nuances de interação entre o povo e o animal, apontando para uma relação que se mistura entre respeito, temor e admiração.

Na configuração dos sinais apresentados pelos alunos surdos para “soboh” pude perceber uma representação visual rica e profunda. Todos os cinco parâmetros das línguas de sinais foram utilizados para dar vida ao sinal. O movimento das mãos e a curvatura dos dedos capturavam a sinuosidade e a fluidez da cobra, mas o que realmente capturou minha atenção foi a expressão não manual. O uso da língua, estendendo-a e retraindo-a, foi uma brilhante incorporação ao sinal. Não apenas mimetizou como as cobras exploram seu ambiente ao estenderem suas línguas bifurcadas, mas também infundiu o sinal com uma profundidade cultural. Foi uma forma de conectar a sinalização à natureza do animal, um reflexo de como os Paiter Suruí percebem e interagem com as cobras em seu habitat natural.

Figura 4



Fonte: organizado pelo pesquisador.

Dentre os sons e silêncios da floresta amazônica, meu coração pulsava com ansiedade enquanto eu buscava aprender mais sobre a Língua indígena de Sinais Paiter Suruí. Minha busca levou-me ao coração do território Paiter Suruí, com os meus alunos me apresentado ao sinal para “Arãya” — a palavra para “galinha” em sua língua

nativa. A galinha, um animal comum em muitas culturas e cotidianos, é frequentemente associada à ideia de ser uma ave gregária na Língua Portuguesa. Ainda que essa característica também ressoe na descrição em Paiter Suruí, percebi que a expressão em língua indígena de sinais trazia consigo nuances distintas.

Os alunos surdos, ao me apresentarem a configuração do sinal para “Arãya”, observei que as mãos e os movimentos não se concentravam apenas na aparência física da ave, mas também em seu comportamento. A ênfase no caráter gregário da galinha estava presente no sinal, tal como se manifesta na língua portuguesa. Contudo, como esse comportamento era expresso em língua indígena de sinais dos Paiter, capturava um entendimento e uma relação culturalmente específica com este animal. Em vez de se limitar à simples representação da ave, o sinal me abraçava uma narrativa mais profunda, conectando-se ao cotidiano e à interação da comunidade indígena com essas aves. Era como se o sinal revelasse uma janela para as manhãs na aldeia, onde galinhas se movimentam livremente, ciscando e interagindo o território indígena e social.

4.6. Surdos Indígenas: Um Testemunho de Diversidade cultural

Entre as densas copas das árvores da floresta amazônica, ecoa um diálogo silencioso, porém profundo. Embora muitos possam não as ouvir, elas ressoam com clareza nas mãos e olhos dos surdos indígenas que, com movimentos graciosos, comunicam suas histórias, tradições e visões de mundo.

Fui introduzido a esta comunidade durante uma expedição etnográfica, e a cada gesto e sinal, percebia existência de uma diversidade linguística rica e multifacetada. Guiado pela perspectiva esclarecedora de Gomes e Vilhava (2023), reconheci que o que estava diante de mim não era apenas uma língua indígena de sinais, mas um testemunho vivo das complexas interações entre cultura, identidade e linguagem e língua de um povo surdo que vive no interior da Amazônia.

Em pleno coração da floresta, a educação escolar indígena dos surdos Paiter Suruí é um espetáculo de relações interculturais. Cada sinal e expressão não manual é um reflexo da diversidade e riqueza das línguas indígenas de sinais que representa também as imagens dos ambientes naturais e culturais da diversidade amazônica. Mas, mais do que isso, são uma afirmação da resistência destes povos contra as tentativas de homogeneização linguística e cultural que tentam enquadrar os surdos indígenas e não indígenas como eu.

Conforme nos revela Gomes e Vilhalva (2023), estas línguas indígenas de sinais não podem ser reduzidas a um único código linguístico universal. Na verdade, são produto da confluência entre diferentes tradições, saberes e experiências. Assim, torna-se evidente que os surdos indígenas não são apenas participantes passivos no processo de ensino e aprendizagem da educação escolar indígena. Eles são construtores ativos de sua própria educação, moldando-a de acordo com suas necessidades, aspirações e contextos culturais.

Em um mundo dominado por narrativas de globalização neoliberal, esses surdos indígenas oferecem outra perspectiva sobre a educação escolar indígena. Eles desafiam os paradigmas da modernidade e nos convidam a reconsiderar o significado e o propósito da educação que querem lhe impor nos territórios indígenas. O foco com o ensino deles não é apenas na transmissão de conhecimento, mas na celebração da diversidade e afirmação de outra identidade.

No entanto, a trajetória destes surdos indígenas não fica isenta de desafios. O legado histórico das tentativas de silenciamento e marginalização ainda lança sua sombra sobre eles. A luta pelo reconhecimento das Línguas indígenas de Sinais, ainda estigmatizada pelo pensamento cartesiano presente na academia como mera “mímica gestual”, é uma reminiscência desses desafios das políticas linguísticas. Contudo, com resiliência e determinação, a comunidade surda vem conquistando o reconhecimento de suas línguas, transformando-a visão clínica da surdez para um campo rico de estudos humanos da cultura e identidade presente nas constituições das línguas de sinais.

À medida que minha formação acadêmica sustentada nos estudos etnográficos chega ao fim, percebo que os sinais e gestos que testemunhei não são meras formas de comunicação e expressão dos denominados gestos caseiros. São, na verdade, expressões de resistência, orgulho, pertencimento e afirmação de identidade cultural dos surdos indígenas. Eles servem como um lembrete poderoso de que, mesmo nas profundezas da floresta amazônica, a busca pelo reconhecimento, respeito e dignidade continua — silenciosa, mas inabalável.

5.0. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui estou, na encruzilhada de culturas, línguas e identidades. A minha formação acadêmica trouxe até este ponto, desde as raízes da minha infância até o

papel de educador surdo em território indígena, é um testemunho do poder transformador da educação e da força da identidade.

Ao recordar os momentos que moldaram minha vida, percebo que a etnobiografia não é apenas um instrumento metodológico. Ela é o espelho de minha alma, revelando os matizes de minha identidade e as epistemologias azuis que iluminam meu caminho. Em cada passo, senti a necessidade de tecer minhas memórias com as tradições e saberes dos povos surdos e indígenas. Esta fusão enriqueceu meu entendimento da educação surda, tornando-a verdadeiramente intercultural e decolonial.

Enquanto educador surdo, enfrentei inúmeros desafios em um mundo ouvinte. No entanto, cada barreira que encontrei me impulsionou a desvelar mais de mim mesmo. A formação acadêmica na Universidade Federal de Rondônia foi um marco em minha trajetória, reafirmando minha identidade e abrindo portas para o universo das línguas de sinais em território indígena. E foi naquele universo que encontrei minha verdadeira vocação.

Os olhos dos meus alunos, os surdos Paiter Suruí, contam histórias de resistência, esperança e desejo. Nas paredes da Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio Sertanista José do Carmo Santana, vi retratos vivos de alunos que, assim como eu, buscam se afirmar em um mundo que nem sempre entende ou valoriza nossa singularidade. A intersecção de ser indígena e ser surdo indígena é complexa e rica, e é nesse cruzamento que meu papel como educador se torna essencial.

Ao ensinar a língua de sinais no coração da floresta amazônica, me vi imerso em uma dança entre tradições ancestrais e inovações linguísticas. Os sinais da língua indígena de sinais (ETNOLIS) Paiter Suruí são uma maravilhosa fusão do português, do tupi monde e dos sinais que surgiram de nossas próprias vivências na floresta. Esta língua é uma celebração da diversidade e da resistência, uma linguagem que, embora silenciosa, fala com a força de mil vozes.

Finalmente, olho para trás, para esta sinfonia de sinais e imagens da floresta, e sinto uma profunda gratidão. Agradeço por cada desafio, por cada conquista e por cada aluno que cruzou meu caminho. Porque, no final das contas, minha história não é apenas sobre mim, mas sobre todos nós — uma tapeçaria interconectada de vidas, culturas e línguas. E é esta tapeçaria que me dá esperança para o futuro, um futuro em que todos nós, surdos e ouvintes, indígenas e não indígenas, possamos celebrar a riqueza de nossa diversidade e a beleza de nossa humanidade compartilhada.

Em meio à vastidão do verde e ao coro dos sons naturais, descobri que a língua de sinais não é apenas uma forma de comunicação, mas também um veículo para conectar almas, historiar tradições e ancorar identidades. As mãos que uma vez me mostraram um universo repleto de possibilidades agora se estendem para aqueles ansiosos por aprender e se conectar com suas raízes.

O território indígena, com toda a sua riqueza cultural e histórica, tornou-se um terreno fértil para a troca de conhecimentos. A cada dia, observava as crianças surdas Paiter Suruí, com suas mãos ágeis e olhos atentos, absorvendo os sinais e integrando-os ao seu próprio repertório linguístico e cultural. Em suas faces, eu via reflexos das lembranças constante de que a educação é uma via de mão dupla. Ao ensiná-los, também aprendi.

No entrelaçar das línguas, nas junções dos cantos ancestrais com os gestos silenciosos, nasceu uma linguagem única e ressonante. Uma linguagem que celebra não apenas a herança dos povos indígenas e dos surdos, mas também a fusão de duas culturas que, embora distintas, encontram harmonia e entendimento mútuo.

E, assim que começou com uma busca pessoal, transformou-se em algo maior. Algo que transcende as barreiras linguísticas e culturais. Algo que fala sobre comunidade, solidariedade e o profundo desejo humano de pertencer e ser entendido.

Ao refletir sobre meu papel e minha missão, reconheço a responsabilidade e o privilégio que carrego. O ensino da língua de sinais em território indígena é muito mais do que um mero processo pedagógico; é uma celebração do espírito humano, da resiliência e da interconexão.

Olho para o futuro com esperança e determinação, confiante de que as próximas gerações continuarão a tecer essa tapeçaria rica e complexa. Uma tapeçaria onde cada fio, cada sinal, cada canto ancestral tem seu lugar e significado. E com isso, reafirmo meu compromisso de continuar servindo, aprendendo e crescendo, sempre guiado pela luz das epistemologias azuis e pelo amor profundo por minha comunidade e alunos.

Ao me debruçar sobre minhas experiências, não posso deixar de destacar a imensurável importância da documentação e registro das línguas indígenas, especialmente no território Paiter Suruí. Cada gesto, cada palavra, cada sinal, é uma cápsula do tempo, uma narrativa viva das gerações que vieram antes de nós e um legado para aqueles que virão depois.

A rapidez com que as culturas estão se transformando no contexto globalizado nos lembra que, se não dermos os passos necessários para documentar e preservar,

arriscamos perder tesouros linguísticos e culturais que nunca poderão ser recuperados. Essas línguas, e as culturas que elas carregam, são pilares da diversidade humana e refletem a rica tapeçaria de experiências, sabedoria e visões de mundo que compõem nossa humanidade.

Em Paiter Suruí, cada sinal, cada palavra, é mais do que uma simples comunicação; é uma celebração de identidade, de pertencimento e de história. É um grito silencioso da floresta, uma canção ancestral que ecoa através dos tempos, nos lembrando de nossa interconexão e da sacralidade da tradição.

Assim, enquanto seguimos adiante, é nosso dever, como educadores, acadêmicos e guardiões da cultura, garantir que essas línguas e sinais não se percam nas areias do tempo. Devemos empreender esforços para documentar, estudar e, o mais importante, ensinar e celebrar essas linguagens, garantindo que elas continuem a florescer e enriquecer nossas vidas e as vidas das gerações futuras.

Por fim, acredito firmemente que, ao reconhecer e valorizar a riqueza linguística e cultural presente no território Paiter Suruí, estamos fazendo mais do que apenas preservar uma língua; estamos honrando uma comunidade, uma história e, acima de tudo, um legado que é, e sempre será, um testemunho vibrante da magnífica diversidade da experiência humana.

6.0 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Bhabha, H. K. (1998). **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

Chauí, M. Merleau-ponty: obra de arte e filosofia. In: **Arte pensamento**. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.

Geertz, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. 1ª ed., 15ª reimpressão. Rio de Janeiro: LTC, 2008. ISBN 978-85-216-1333-6

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.) **O método (auto)biográfico e a formação** - Ministério da Saúde. Depart. De Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, Lisboa, 1988. p. 17-34.

Galvão, E. **Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá**, Amazonas. Companhia Editora Nacional. 1970.

Gomes, João Carlos & VILHALVA, - Shirley. **As Línguas De Sinais Indígenas Em Contextos Interculturais** - Coleção Registros de estudos e pesquisas das línguas de sinais indígenas no Brasil Volume 2 – 1º Edição - Editora: EDITORA CRV – Curitiba, Paraná, 2021.

Gomes, João Carlos & VILHALVA. Shirley: Capítulo I - As Epistemologias Das Línguas De Sinais Indígenas. In: **Epistemologia Azul Dos Estudos Surdos: Nos entre lugares da Amazônia**. Organizador: João Carlos Gomes. Editora: Independently published, 2023.

GOMES. João Carlos & VILHALVA, Shirley. **Epistemologias Azuis Das Línguas De Sinais Indígenas**. ETD- Educação Temática Digital Campinas, SP v.24 n.4 p. 811-825 out./dez.2022.

GRUPIONI, L. D. B. **Educação escolar indígena: propostas para uma política diferenciada**. Brasília: MEC/SECAD, 2001.

LIMA, E. S. **Os Paiter Suruí e o Projeto Carbono Suruí: um estudo sobre as transformações socioculturais e ambientais na Terra Indígena Sete de Setembro** - RO/MT. 2013. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2013.

DAMATTA, Roberto. **O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues**. Boletim do Museu Nacional: Antropologia, n. 27, maio de 1978. P.1-12.

MELIÁ, B. **A experiência religiosa Guarani**. São Paulo: Loyola, 1999.

MINDLIN, Betty. **Nós Paiter. Os Suruí de Rondônia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

NEVES, Walter A.; SILVA, Hilton P. **Antropologia Biológica: conceitos e métodos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

NÓVOA, António. Os educadores e as Narrativas da sua vida. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.) **Vidas de educadores**: Porto Editora, 1992

NÓVOA, António. António Nóvoa: **uma vida para a educação**. Educação e Pesquisa, Volume: 44, São Paulo, 2018.

OLIVEIRA, A. U. de; FREITAS, D. L. D. **Educação escolar indígena: diferentes visões**. Brasília: MEC/SECAD, 2006.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Diferença no currículo: etnografia de si e análise de discurso como ferramentas para pesquisar currículos culturais. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 137-160.

RODRIGUES, A. D. (1986). Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. **As hipóteses de Aryon Rodrigues: validade, valor e papel no cenário dos estudos de línguas indígenas e de linguística histórica – DELTA**, 1993 – Capturado <https://doi.org/10.1590/0102-445040525205413909>

VIEIRA, Ricardo. **Etnobiografias e descoberta de si: uma proposta da Antropologia da Educação para a formação de professores para a diversidade cultural**. Pro-Posições | v. 24, n. 2 (71) | p. 109-123 | maio/ago. 2013.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio**. Mana, 2(2), 115-144. 1996.